

Equilíbrio: jornalista
Marcos Piangers explica
como conciliar carreira,
tecnologia e paternidade.



Governo Trump

A mudança de governo nos EUA e os impactos para as relações comerciais com o Brasil

PRODUTIVIDADE

Como o engajamento pode melhorar o desempenho das empresas

ESOCIAL

Começa a contagem regressiva para o início das operações do programa



☰ SUA INDÚSTRIA
+ COMPETITIVA
+ FORTE
+ PRODUTIVA

AQUI TEM
SEU APOIO



- ⊕ de 100 empresas beneficiadas pelo Programa de Melhoria da Competitividade;
- ⊕ de 800 atendimentos às empresas sobre financiamento;
- ⊕ de 37 mil certificados de origem apoiaram a internacionalização da produção paranaense.

ALÉM DE PESQUISAS E INFORMAÇÕES ESTRATÉGICAS SOBRE O MERCADO, E DIVERSAS SOLUÇÕES PARA GESTÃO E COMPETITIVIDADE QUE ATENDEM DE MICRO A GRANDES INDÚSTRIAS.

* Referência Fiep ano 2016.

Contribuição Sindical,
essa parceria constrói + resultados



NESTA EDIÇÃO

- LEITURA RÁPIDA . 04
- PALAVRA DO PRESIDENTE . 05
- VIÉS . 06
- FALOU E DISSE . 06
- AGENDA . 07
- SABER É CULTURA . 07
- OPINIÃO . 08
Fabio Artigas: Crise fiscal
- ENTREVISTA . 09
Marcos Piangers
- ADMINISTRAÇÃO . 12
Contagem regressiva para o eSocial
- TENDÊNCIAS . 15
Presença no LinkedIn fortalece os negócios
- CAPA . 18
Governo Trump: ameaça ou oportunidade?



- ECONOMIA . 25
Setor agroindustrial é um dos aquecidos em 2017
- SÉRIE: POLO INDUSTRIAL . 29
Polo Automotivo
- DESENVOLVIMENTO INDUSTRIAL . 35
Desafios e oportunidades para quem quer inovar
- LEI & TRABALHO . 40
A mensagem da Lei Anticorrupção
- RECURSOS HUMANOS . 44
O pertencimento como fator de competitividade
- DA TERRA DOS PINHEIRAIS . 48
Randa: portas abertas para o mercado
- GENTE DA INDÚSTRIA . 49
- GIRO PELOS SINDICATOS . 50

EXPEDIENTE

SISTEMA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO PARANÁ

PRESIDENTE

Edson Campagnolo

SUPERINTENDENTE DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO PARANÁ (FIEP)

Reinaldo Tockus

SUPERINTENDENTE DO SERVIÇO SOCIAL DA INDÚSTRIA (SESI) E INSTITUTO EUVALDO LODI (IEL) E DIRETOR REGIONAL DO SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI)

José Antonio Fares

SUPERINTENDENTE DE ÁREA CORPORATIVA

Pedro Carlos Carmona Gallego

GRACIOSA GRÁFICA E EDITORA

Tiragem: 10 mil exemplares

Comentários, críticas e sugestões, escreva para: aindustriaemrevista@fiepr.org.br

A INDÚSTRIA EM REVISTA É UMA PUBLICAÇÃO OFICIAL DO SISTEMA FIEP

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Denise Morini (4760/DRT-PR)

REPORTAGEM E REDAÇÃO

Denise Morini, Edilane Marques, Elvira Fantin, Juliano Pedrozo, Poliane Brito, Rodrigo Lopes, Tina Demarche

EDIÇÃO, PROJETO GRÁFICO, ARTE E DIAGRAMAÇÃO

433 AG - 433.ag

BANCO DE IMAGENS

Shutterstock

GERÊNCIA CORPORATIVA DE MARKETING INSTITUCIONAL

Thais Cristiane da Silva

GERÊNCIA EXECUTIVA DE MARKETING INSTITUCIONAL

Adriana Brandão

LEITURA RÁPIDA



NOTAS DA INDÚSTRIA DO PARANÁ

Neodent investe R\$ 60 milhões em Curitiba

A Neodent, fabricante de implantes dentários com sede em Curitiba, vai investir R\$ 60 milhões para a ampliação da sua fábrica e construção de um novo centro de distribuição. As obras na capital paranaense devem ser concluídas até o fim deste ano e vão dobrar a capacidade de produção da empresa, hoje em 6 milhões de peças. Serão criadas 120 novas vagas de emprego. Fundada em Curitiba há 23 anos pelo cirurgião-dentista curitibano Geninho Thomé, a empresa foi adquirida em 2015 pelo grupo suíço Straumann. Thomé deixou a presidência naquele ano, mas permanece até hoje como presidente do Conselho de Administração e é também científico, liderando a equipe de inovação.

Educação profissional

Até 2020, o Paraná terá de qualificar 920 mil trabalhadores em ocupações industriais nos níveis técnico, superior e de qualificação, é o que diz o levantamento "Mapa do Trabalho Industrial 2017-2020" do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai).

As cinco áreas que mais demandarão profissionais, de acordo com o estudo, são: construção (223.413), meio ambiente e produção (209.596), alimentos (120.152), metalmeccânica (110.821) e vestuário e calçados (70.617). Os cursos que atendem a esses setores industriais podem ser conhecidos no site do Senai (senai.org.br/cursos-tecnicos).

Qualidade e Segurança de Alimentos

Cerca de 80 representantes do setor de Alimentos de todo o país estiveram reunidos em Curitiba, em março, durante o IFS Focus Day, um dos mais importantes eventos sobre certificação em qualidade e segurança de alimentos para a indústria. Os participantes discutiram sobre cases de certificação, food defense e sobre a agenda regulatória da Anvisa.

"A regulamentação cria um padrão. Mas a decisão não é unilateral. A Anvisa precisa da participação dos consumidores e da indústria para definir parâmetros sobre ingredientes e processos que envolvam o setor de alimentos", disse a gerente geral de Alimentos da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), Thalita Antony de Souza Lima, que também adiantou mudanças na rotulagem de alimentos. "Em breve o setor deverá passar por um processo de mudança nas informações nutricionais contidas em suas embalagens", alertou a gerente, pedindo a participação de todos nas consultas públicas sobre o tema. O IFS Focus Day foi promovido pela certificadora IFS (International Featured Standards) e organizado pelo Sindicato das Indústrias de Cacau e Balas, Massas Alimentícias e Biscoitos, de Doces e Conservas Alimentícias do Estado do Paraná (Sincabima).



EDSON CAMPAGNOLO

Presidente do Sistema Fiep

PALAVRA DO PRESIDENTE

O ano de 2016 foi marcado por alguns acontecimentos que podem alterar, em um futuro próximo, o panorama das relações econômicas globais. O plebiscito que definiu a saída do Reino Unido da União Europeia – o chamado Brexit – e a eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos apontam para uma tendência de nacionalismo e maior protecionismo partindo de alguns dos principais atores do comércio internacional.

Com a posse de Trump, em janeiro, e suas primeiras medidas, como a assinatura de um decreto que retira seu país do acordo Transpacífico, surgiram rumores de que o acesso ao mercado norte-americano, um dos maiores do planeta, pode ficar cada vez mais difícil. Há também temores sobre a influência que decisões políticas de Trump possam ter sobre a cotação do dólar, moeda utilizada na grande maioria das transações internacionais.

Mas e o Brasil e o Paraná, como ficam nesse complexo tabuleiro? Analisar quais podem ser os impactos de todas essas mudanças no cenário global para o setor produtivo do País e do Estado é o objetivo da reportagem de capa desta edição da Indústria em Revista. Por um lado, temos setores apreensivos com possíveis obstáculos para suas exportações aos Estados Unidos. Por outro, alguns segmentos avaliam que a postura do governo norte-americano pode afastar tradicionais parceiros do país, abrindo novos mercados para os produtos brasileiros.

Além de mostrar as expectativas das empresas paranaenses que se lançam para o mundo, esta edição traz também a primeira matéria de uma série que vai apresentar alguns dos polos industriais mais importantes para nosso Estado. O primeiro a ser destacado é o setor automotivo, hoje o terceiro maior produtor de veículos do país e responsável por mudar o perfil econômico do Paraná.

Mostramos também exemplos de empresas que, mesmo com a crise, estão com perspectivas altamente positivas para este ano. É o caso do segmento agroindustrial, em que cooperativas e indústrias de máquinas devem ter bons resultados na esteira de mais uma safra recorde. Outro destaque desta edição são os cases de indústrias que investem na valorização de seus colaboradores, utilizando o sentimento de pertencimento como um fator de competitividade.

Boa leitura!

**↑ SOBE****Safra cresce 21,8%**

A safra de grãos do Brasil neste ano deve totalizar 224,2 milhões de toneladas. O número é 21,8% superior ao do ano passado. A área a ser colhida é de 60,3 milhões de hectares, 5,7% maior em relação a 2016. Arroz, milho e soja são os três principais produtos. Somados representam 93% do total. Mato Grosso é o líder da produção, respondendo por 24,3% do total. O Paraná vem em segundo lugar, com 18,7%. Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *(Leia mais sobre o crescimento do setor agroindustrial na matéria de Economia, página 25).*

Brasileiros conectados

Enquanto serviços de telecomunicações apresentam queda nas assinaturas, 1,27 milhão de brasileiros contrataram o serviço de banda larga fixa entre janeiro de 2016 e o mesmo mês de 2017. O número foi divulgado pela Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e representa aumento de 4,96% na quantidade de clientes.

↓ DESCE**Queda no PIB**

Em 2016, a economia brasileira registrou uma queda de 3,6% no Produto Interno Bruto (PIB) e 3,8% no industrial. Os dados são do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No Paraná, o PIB recuou 2,4%, segundo o Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social (Ipardes). A agropecuária paranaense registrou uma retração de 3,1% e a indústria e o setor de serviços tiveram queda de 2,3% em relação a 2015.

Atividade industrial encolhe

Levantamento da Fiep mostra que as vendas da indústria do Paraná recuaram 7,4% em 2016, em comparação com 2015. Houve retração nas vendas dentro do território paranaense (-10,77%), para outros Estados (-3,12%) e para o exterior (-5,92%). A queda nas vendas repercutiu negativamente no nível de emprego industrial, que registrou um recuo de 4,3% no total e de 1,9% no pessoal diretamente ligado à produção.



“NÃO EXISTE REPÚBLICA POSSÍVEL SE AS COISAS NÃO ESTIVEREM ESCANCARADAS.”

CÁRMEN LÚCIA*presidente do Supremo Tribunal Federal (STF)*

“O Brasil está menos vulnerável a choques externos. O nosso balanço de pagamentos está numa situação confortável. O balanço de transações correntes apresentou em 2016 um déficit de 1,3% do PIB, enquanto investimentos diretos registraram 4,4% do PIB (desses são 3% de participação de capital e 1,4% em empréstimos intercompanhias).”

ILAN GOLDFAJN*Presidente do Banco Central*

“Há uma grande pedra (que pode afetar o crescimento da economia global) chamada Donald Trump, o imprevisível.”

GUSTAVO LOYOLA*Ex-presidente do Banco Central*

“O Brasil, apesar de deprimido, continua o povo menos infeliz do mundo.”

DOMENICO DE MASI*Sociólogo***Semana da Indústria**

O Sistema Fiep comemora o Dia da Indústria (25 de maio) com uma série de eventos em todo o Estado. Uma comitiva do Sistema vai passar por seis cidades do Paraná para discutir o setor e celebrar a data. Confira as cidades:

Datas e locais: 22 a 29 de maio

22.05 - Guarapuava / 23.05 - Dois Vizinhos / 24.05 - Toledo

25.05 - Maringá / 26.05 - Arapongas / 29.05 - Curitiba

Missão para a Feira Ligna do setor Madeireiro

O Centro Internacional de Negócios do Paraná (CIN-PR) vai levar um grupo de industriais do setor Madeireiro a Stuttgart e Hannover, na Alemanha, para participar da Feira Ligna, considerada uma das mais importantes do mundo para o segmento.

Data: 20 a 28 de maio**Informações:** Inscrições abertas durante abril:

Fiep – Camilla Bonnevalle | (41) 3271-9109

camilla.bonnevalle@fiepr.org.br

Abimci – (41) 3225-4358

abimci@abimci.com.br

Confira outros eventos do setor:
www.goo.gl/xzoM71

Diversão e arte para qualquer parte

A área de Cultura do Sistema Fiep planeja diversificação de ações e muitas novidades para 2017

Exposições itinerantes, resgate da memória e interatividade são algumas das novidades planejadas pela área de Cultura do Sistema Fiep para 2017. As ações serão organizadas com o apoio de técnicos locais, para que cada público que se relaciona com a indústria possa ser atendido. “Queremos novos olhares, com as vocações locais. Sabemos, por exemplo, que a Região Oeste é muito musical, o Sudoeste tem mais aquela tradição gaúchesca de dança e tudo mais. O Norte é totalmente teatro, música erudita, clássica. E Maringá (e toda a Região Noroeste) tem uma tradição muito diversificada. Campo Mourão, por exemplo, tem um circo e um teatro que são conhecidos na região. Paranavaí tem um grupo de artes visuais... é, enfim, uma região que tem música, festival de literatura e muitas outras manifestações”, conta a gerente de cultura, Anna Zetola.

Para os sete equipamentos do Sesi foi aberto edital de uso, com a preocupação de atrair novos artistas, com propostas diferenciadas, que atendam às expectativas de novidades na programação e de formação de plateia.

O foco das exposições também muda. “Estão previstas duas grandes exposições itinerantes no Estado. Devem ser similares à exposição que montamos em 2016 do Poty. São exposições culturais, que devem percorrer o Paraná.”

E para quem ainda não conhece a história e as lembranças do Sistema Fiep, a grande novidade é que o Centro de Memória vai ganhar mais destaque, com espaço expositivo na sede e exposições de interesse para a indústria. “E teremos também o Centro de Memória Virtual, com totens, com conteúdo interativo e com a devida gestão da informação e do cuidado com a história da indústria e do Sistema Fiep”, conclui Zetola.



Crise fiscal e a dinâmica tributária para 2017

por Fabio Artigas Grillo



Crédito: Gelson Bampi

“ NO MUNDO REAL O GOVERNO FEDERAL LIMITOU-SE A REPETIR SOLUÇÕES ORTODOXAS JÁ UTILIZADAS NO PASSADO RECENTE, NOTADAMENTE O DENOMINADO PROGRAMA DE RECUPERAÇÃO TRIBUTÁRIA (PRT). ”

ADVOGADO, CONSELHEIRO TITULAR DA OABPR, PRESIDENTE DA COMISSÃO DE DIREITO TRIBUTÁRIO DA OAB/PR E DO INSTITUTO DE DIREITO TRIBUTÁRIO DO PARANÁ, DOUTOR EM DIREITO DO ESTADO PELA UFPR.

A crise fiscal que o país vem enfrentando pede a adoção de políticas que consigam recuperar a saúde financeira do setor público para a retomada do crescimento econômico. Além do déficit nas contas federais, temos assistido às avassaladoras consequências dos anos de irresponsabilidade fiscal nos Estados e Municípios. Nesse contexto, ao lado das receitas públicas, convive-se com um sistema tributário arcaico, anacrônico e que prejudica tanto os interesses da arrecadação quanto a competitividade da iniciativa privada, levando o governo federal a cogitar uma reforma tributária ainda em 2017.

Nessa pauta reformista tem-se a revisão da legislação das Contribuições para o PIS e Cofins, a extinção da “guerra fiscal” no ICMS, a perspectiva da adoção de uma sistemática mais dinâmica de tributação sobre o valor agregado, a redução da burocracia tributária por meio da simplificação do sistema, a volta da CPMF numa versão não cumulativa e provisória, além da possível tributação das grandes fortunas. Ver para crer.

O importante é que essa temática – mesmo diante de uma série de projetos anteriores que foram “engavetados” nos escaninhos burocratas – esteja no radar do Ministério da Fazenda e também na pauta de discussões do Congresso Nacional.

No mundo real, porém, o governo federal limitou-se a repetir soluções ortodoxas já utilizadas no passado recente, notadamente o denominado Programa de Recuperação Tributária (PRT), instituído pela Medida Provisória 766/2017 e regulamentado pela Instrução Normativa RFB 1687/2017. Para as empresas com passivos tributários federais, a iniciativa vem em boa hora e deve ser aproveitada.

Basicamente, o Programa permite que débitos federais vencidos até 30 de novembro de 2016, de pessoas físicas ou jurídicas, sejam renegociados em condições especiais. Caso a empresa ou a pessoa física possua créditos de prejuízo fiscal e base de cálculo negativa da CSLL ou outros créditos próprios relativos aos tributos administrados pela RFB, poderá utilizá-los para liquidar até 80% das dívidas, desde que pague os outros 20% à vista, ou parcele 24% da dívida em 24 meses. Caso não possua créditos, o contribuinte poderá liquidar essa mesma dívida em até 120 parcelas, comprometendo menos recursos nos primeiros anos, ou seja, 0,5% da dívida em 2017; 0,6% em 2018; 0,7% em 2019 e 0,93% nos 84 meses finais. Para as empresas que possuírem créditos em valor inferior aos 80% ou 76%, o restante poderá ser financiado em até 60 parcelas vencíveis após o pagamento à vista de 20% ou após o pagamento da 24ª prestação. A adesão deve ser efetivada mediante requerimento a ser apresentado até 31 de maio de 2017.

O contribuinte que já estiver em outros programas de refinanciamento poderá continuar neles e aderir, ou ainda migrar esses débitos para o PRT. Admitamos que ainda é muito pouco para se oferecer ao empresariado, mas 2017 só está começando. ■

“Tecnologia é como o açúcar: é bom, mas não se pode almoçar chocolate e jantar sorvete”

Especialista em comunicação para jovens conta como fazer para equilibrar o trabalho e a tarefa de ser um pai presente na geração da internet

por Edilane Marques

Você afirma que um pai participativo pode melhorar a vida dele, do filho e da mãe. Como as empresas podem auxiliar os homens a serem mais participativos?

Alguns estudos mostram que equipes são mais motivadas criativamente, são mais produtivas, quando três fatores são atendidos: autonomia, domínio e propósito. A sensação de que se tem um propósito ajuda as equipes a se sentirem mais criativas. Se você sente que está aprendendo e se tornando um profissional melhor todos os dias, se seu chefe e colegas te inspiram, isso se chama domínio e também te deixa motivado criativamente. E, por último, e esse é um ponto em que tecnologicamente a revolução já aconteceu mas comportamentalmente ainda não, é a questão da autonomia, que se traduz em encontrar o ponto de produtividade da equipe e dar a ela autonomia de horário e de, inclusive, locais de trabalho para produzir. Existem empresas focadas em resolver os seus problemas com sabedoria de multidão, como o cloud sourcing, que não tem funcionários em escritórios, mas sim espalhados pelo mundo, porque é mais barato e mais produtivo. O que falta é as empresas entenderem que podem ajudar pais e mães



Crédito: Gelson Bampi

MARCOS PIANGERS

Jornalista e especialista em comunicação para jovens contou para a Indústria em Revista de que maneira os pais podem ser mais participativos e atuarem como agentes de mudança na vida dos filhos, que são rodeados por tecnologia e rapidez de informação. Para Piangers, as empresas precisam repensar a forma de gerenciar os horários de trabalho para permitir que os pais tenham mais tempo com a família. Ele defende que essa inovação na gestão resulta em mais motivação e, consequentemente, maior produtividade. Por outro lado, é preciso que os pais também repensem as prioridades na agenda.

a terem tempo de qualidade com os filhos. Eu tenho duas filhas, uma de 11 e outra de 4. Quando eu chego em casa, por mais cansado que esteja, eu brinco com elas, olho nos olhos delas e minhas filhas me energizam e me dão capacidade produtiva novamente. É uma oportunidade que faz com que eu seja uma pessoa mais feliz e produtiva se eu tiver um tempo de qualidade com meus filhos. Os postos de trabalho serão cada vez mais substituídos por máquinas, então é preciso aproveitar essa automatização para explorar o que os humanos têm de mais exclusivo: a criatividade, motivação, a capacidade de se apaixonar por um projeto. E isso a máquina não tem, nem vai ter por um bom tempo.



“...A GENTE TEM QUE APROVEITAR ESSA AUTOMATIZAÇÃO DO TRABALHO PARA EXPLORAR JUSTAMENTE O QUE OS HUMANOS TÊM DE MAIS EXCLUSIVO: A CRIATIVIDADE, MOTIVAÇÃO, A CAPACIDADE DE SE APAIXONAR POR UM PROJETO, POR UM PROPÓSITO. E ISSO A MÁQUINA NÃO TEM, E NEM VAI TER POR UM BOM TEMPO.”

Como a gente dosa trabalho, compromissos sociais com o fato de ser uma mãe e um pai participativos?

Partindo do princípio de que você quer ter tempo para a família, vai precisar criar uma lista de prioridades e cortar todo o supérfluo. Se você trabalha oito horas, ok, mas o resto do dia deve ser para a família. Produtividade não tem nada a ver com correria. Normalmente, para você ser eficaz no trabalho, você tem que ter bastante trabalho; para ser eficaz numa função, você tem que ter bastante dedicação. Mas se está virando noite, fazendo hora extra, tem que se perguntar se esse trabalho está entregando valor para sua empresa, valor para sua profissão, para o seu domínio. Muitas vezes não! Então todo esse tempo tem que ser priorizado e, quem sabe, ser usado com seus filhos.

Com a internet as crianças e adolescentes passaram a ter o parque de diversões dentro de casa, porém, abertos para o mundo. Já estão sendo chamados de geração criada nos quartos. Como os pais devem lidar com isso, qual seria o equilíbrio?

Tecnologia para mim é como o açúcar, e açúcar é uma coisa boa, deliciosa, mas a gente sabe que nossos filhos não podem almoçar chocolate e jantar sorvete. Da mesma forma a tecnologia é boa demais e vicia, por isso a gente precisa criar formas para equilibrar o consumo. É um futuro muito triste esse em que nossos filhos vivem no quarto sem controle nenhum sobre a vida que levam lá. A solução é entender e explicar que é importante que seu filho tenha experiências analógicas, que tenha estímulos neurais diferentes daqueles relacionados à tecnologia. É muito difícil tirar uma criança do videogame, ou do iPad, para tomar banho ou fazer a lição de casa, porque são coisas chatas. Se, em vez disso, o chama para andar de bicicleta, ou conversar, ou pintar, você o está estimulando para uma experiência tátil, analógica. Eu sei que minhas filhas adorariam passar todo o tempo nas redes sociais e no YouTube, assim como adorariam comer só chocolate e sorvete, mas é o meu papel oferecer novos caminhos, tanto de alimentação, quanto de aprendizado analógico. As tecnologias das redes sociais vão dar oportunidades para nossos filhos nos enganarem continuamente e a única forma de acompanhá-los é conversando, sentando ao lado, expli-

cando os perigos dessas ferramentas e que ali pode ter pessoas não tão legais, fazendo com que elas possam tomar suas próprias decisões. O futuro é um futuro com mais tecnologia, não com menos, mas eu tenho certeza de que a formação de uma criança com mais estímulo analógico, fora das tecnologias, é um diferencial competitivo. Isso tudo faz parte de uma paternidade participativa. O que você fala vale menos do que o que você faz, se você está lendo um livro ao lado de seu filho, ele também vai ler.

O índice de empregabilidade dos alunos de cursos técnicos do Senai é perto de 70%. Você enxerga que é importante o jovem já ter esse direcionamento profissional antes de entrar na faculdade?

É incrível ver como essa geração já vem querendo três coisas: domínio, autonomia e propósito. Eles não vêm para preencher relatório que ninguém vai ler, mas sim para fazer a diferença. Por isso eu acho incrível essa aproximação do jovem com a indústria, com o trabalho; ele precisa saber que está vivendo um momento histórico de revolução tecnológica, que lhe dá a chance de se estimular tecnologicamente, de apresentar novas soluções para a indústria ser melhor e para si mesmo. Cada vez mais o aprendizado será prático e não tem mais como passar cinco anos ensinando teoria porque depois de cinco anos o mundo mudou. Temos que preparar jovens para um espírito empreendedor e uma vontade de aprender o tempo todo, de estar atento ao que está para acontecer.

O Colégio Sesi tem uma metodologia que trabalha o empreendedorismo, transversalidade de disciplinas, oficinas de aprendizagem. Como você vê esse tipo de mudança no Ensino Médio?

Qualquer iniciativa que tire a educação da padronização clássica faz bem, e toda essa capacidade de criar conexões com equipes vai tornar os jovens – esses que são criados dentro do quarto, na frente do computador – mais sociáveis. Hoje tudo isso está exposto num celular, num computador, numa tela. Cabe à gente, educadores, pais, monitorar, pegar na mão deles e dizer: “venha por aqui que a gente vai explorar sua potencialidade”.

O que precisa mudar na educação para que os jovens sejam mais engajados em assuntos relacionados à política?

Nunca foi tão fácil se engajar politicamente ou pelo menos ter informação suficiente para votar com qualidade. A desculpa alienante da falta de informação é sintoma de uma sociedade que não quer se engajar. A gente reclama da política, mas o que a gente realmente quer é viver nossa vidinha na nossa casa, mas sem engajamento. A gente mal participa de reunião de condomínio. Além do voto, é preciso que o jovem se enxergue como um ator, um agente de transformação. O que falta é um acesso à informação de forma guiada. Se deixar, o jovem só assiste e ouve bobagem, não realiza e não se vê como agente transformador. E os poucos que se veem definem como vai ser o futuro. Isso é algo muito claro: se você não se engaja vai permitir que outra pessoa decida o seu futuro e defina como vai ser o seu estudo, seu trabalho e sua relação com o mundo.

Como um fenômeno na área digital e nos livros, o que você diria para os jovens sobre como conciliar as duas áreas?

Primeiro, eu adoro livro e um dos motivos é porque não precisa ligar na tomada. Lá em casa a gente estava fazendo uma mudança e a minha filha pequena, de quatro anos, viu uma máquina de escrever e disse: “pai, é uma máquina com impressora! Porque você digita e já vai imprimindo”. Eu pensei: “cara, é maravilhoso, é wireless, não precisa ligar na tomada!”, ela resignificou a máquina de escrever. A gente tem uma relação com a nossa nostalgia: a comida da avó, o vinil, o parto humanizado, enfim, a gente quer voltar para aquela segurança nostálgica porque a tecnologia nos assusta, a tecnologia nos aflige. Quanto mais celular, telas, videogames tem na minha vida, mais eu quero abraço, isso é normal. Você pode ler um livro no celular, mas a plataforma papel é melhor. Eu gosto de tudo em livro, e minhas filhas também, do cheiro de livro novo, de poder folhear, de não precisar ligar na tomada. O iPad falha, acaba a bateria. O livro não! Então é essa relação de entender, de novo, que tecnologia é bom, mas tem momentos que você pode escolher.



Agora é para valer!

Depois de duas prorrogações, 2017 começou com contagem regressiva para o início das operações do eSocial

por *Edilane Marques*

A partir de janeiro de 2018, empregadores e contribuintes que faturaram mais de R\$ 78 milhões em 2016 deverão adotar o Sistema de Escrituração Digital das Obrigações Fiscais, Previdenciárias e Trabalhistas – o eSocial. Para as outras empresas com faturamento abaixo desse valor, o prazo é junho do ano que vem.

Pela resolução, empregadores – aí se incluem micro e pequenas empresas, empreendedores individuais com empregado, produtor rural, contribuinte individual que se iguala a empresa e o segurado especial que tenha prestadores de serviços – deverão enviar as informações sobre seus empregados por meio do novo sistema.

O eSocial está gerando dificuldade em adaptação por exigir uma mudança cultural dentro das empresas. Há ainda desconforto com os prazos exigidos, relativos ao processo de admissão,

à folha de pagamento, à Comunicação de Acidente de Trabalho (CAT) e aos Atestados de Saúde Ocupacionais (ASO).

Segundo a contadora Juliana Bampi, com o eSocial qualquer alteração feita no quadro funcional precisará ser informada em tempo real. “O trabalhador não poderá ser admitido ou demitido sem que o arquivo com essas informações já esteja na base da Receita Federal”, afirma. Juliana diz ainda que, para se adequarem, as empresas precisam investir em tecnologia da informação, treinamento e, caso seja necessário, em novas contratações. “Isso garante a confiabilidade nas entregas, pois, se as informações não estiverem 100% corretas, não serão validadas e incorrerão em penalidades”, conclui.

Por meio de uma única plataforma será possível cruzar informações que antes eram enviadas para cinco órgãos: Instituto

Nacional do Seguro Social (INSS), Ministério da Previdência Social, Ministério do Trabalho, Receita Federal e Caixa Econômica Federal. “Com o envio unificado, o profissional de recursos humanos envia de uma vez só os dados para o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), Guia de Recolhimento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço e Informações à Previdência Social (GFIP), Relação Anual de Informações Sociais (Rais), entre outros. No futuro vai facilitar”, completa Juliana.

Para aderir ao eSocial há várias etapas que precisam ser iniciadas o quanto antes por diferentes setores das empresas. A expectativa é de que o Serpro e a Receita Federal liberem, ao longo do ano, uma versão teste para as empresas começarem a avaliar o nível de conformidade em que se encontram. Uma das maiores preocupações é com a unificação das datas de recolhimento do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e INSS.

Sobre a nova versão

Atualmente, a versão 2.2 do Manual de Orientações do eSocial (MOS), publicada em 5 de setembro de 2016, é a mais recente normatização disponibilizada para estudo e aprimoramento dos ambientes empresariais para a novidade. Nela constam 2.736 campos divididos em 45 eventos, um acréscimo de 14% de campos e 5% de eventos em relação à versão anterior – 2.1.

As informações são transmitidas via web seguindo um determinado layout e são validadas via assinatura digital ou, no caso dos microempreendedores, por meio de código de acesso. Dos 45 eventos, seis são referentes à Segurança e Saúde do Trabalhador (SST) – as empresas que têm contrato desses serviços com o Sesi no Paraná receberão a documentação já no layout adequado ao eSocial, uma forma de facilitar o processo.

Os eventos relacionados à SST serão obrigatórios a partir de 6 meses da data de faturamento.



“O TRABALHADOR NÃO PODERÁ SER ADMITIDO OU DEMITIDO SEM QUE O ARQUIVO COM ESSAS INFORMAÇÕES JÁ ESTEJA NA BASE DA RECEITA FEDERAL.”

DEPOIS DO PRIMEIRO IMPACTO, JULIANA PREVÊ MELHORAS NA TRAMITAÇÃO DE DADOS E ACESSO ÀS INFORMAÇÕES SOBRE TRABALHADORES.

CONFIRA A AGENDA DO ESOCIAL

- **Empregadores e contribuintes que faturaram mais de R\$ 78 milhões em 2016** > a partir de janeiro de 2018
- **Empresas com faturamento inferior a R\$ 78 milhões em 2016** > a partir de junho de 2018



APESAR DE JÁ ESTAR COM OS DADOS BEM ORGANIZADOS, CLÉIA (1ª À ESQ.) VAI PRECISAR CONTRATAR MAIS UMA FUNCIONÁRIA PARA AJUDAR NO DEPARTAMENTO DE RECURSOS HUMANOS.

Plano de ação

O Sistema Fiep tem promovido, por meio do Sesi, um workshop para ajudar as empresas com sugestão de plano de ação em todas as regiões do Estado. De acordo com Erasmo Pereira, médico do trabalho do Sesi e membro da equipe multidisciplinar que organizou o treinamento, a participação nos workshops realizados até agora foi predominantemente de profissionais da área de Recursos Humanos (RH). "Houve sensibilização para integração das áreas afins; RH; Segurança e Saúde no Trabalho (SST); Gestão; Jurídico. Abordamos temas como normativo legal, ambientes, modelo operacional, cronograma de vigência, entre outros", conta.

Apesar de a obrigatoriedade do módulo ainda causar algum desconforto, o tema apresentou aderência no planejamento das corporações. "Muitas empresas estão procurando conhecimento e soluções para migração das informações aos órgãos competentes", afirma Pereira.

É o caso da empresa que fabrica fécula de mandioca, a Amidos Bankhardt Ltda., de Paranavaí. Cléia Bankhardt Satin da Silva, sócia-gerente e responsável pelo departamento de RH da empresa, conta que ao tomar conhecimento do eSocial procurou entender melhor as regras. "Recebi um convite para participar dos workshops e achei interessante", conta. Cléia afirma que a empresa com 37 funcionários sempre levou ao pé da letra as regras trabalhistas e, por isso, se adaptar ao eSocial não será tão difícil. "Já temos tudo organizado na empresa, o que muda é que vou ter que contratar uma funcionária para ajudar na alimentação das informações." A empresária vê outra vantagem no eSocial. "Quando o módulo estiver funcionando e todos os dados estiverem lá, vai ajudar até na competitividade. Hoje muita gente não trabalha dentro da Lei e não segue os processos de forma correta. Com isso, gasta menos e tem condições de fazer um preço melhor no produto final. Com o eSocial, haverá uma equalização", finaliza.

Caso a empresa não cumpra o envio de informações nos prazos estipulados, não tenha evidências técnicas ou haja ausência de informações – ou informação equivocada para o preenchimento dos eventos e tabelas do eSocial – serão aplicadas multas ao empregador, embora o sistema permita retificações em caso de lançamento incorreto e emita alertas para o usuário.



TENDÊNCIAS

Presença que fortalece os negócios

Perfil no LinkedIn é fundamental para executivos ampliarem o network no meio digital

por Juliano Pedrozo



PARA O ESPECIALISTA EM COACH PESSOAL MÁRCIO DE OLIVEIRA, NÃO PARTICIPAR DO LINKEDIN É FICAR ESQUECIDO, DESATUALIZADO E PASSÍVEL DE PERDER OPORTUNIDADES QUE SURGEM NESTE AMBIENTE.



MARTHA GABRIEL É CONSULTORA DIGITAL E AUTORA DO BEST-SELLER "A ERA DO MARKETING DIGITAL", E APONTA A POSSIBILIDADE DO LINKEDIN ALAVANCAR TAMBÉM A IMAGEM DA EMPRESA.



CONSULTORA DENISE MAIA: PERSONAL BRANDING E REPUTAÇÃO DIGITAL DEVEM SER PREOCUPAÇÕES CONSTANTES DOS EXECUTIVOS ATUAIS.

Destinado aos negócios e vagas de emprego, o LinkedIn reúne mais de 450 milhões de usuários em todo o mundo. Criada em 2003, logo a rede social se expandiu e ganhou espaço no mercado ano após ano, até despertar a atenção da gigante Microsoft em 2016, quando a empresa norte-americana fez a maior aquisição de sua história, numa compra de US\$ 26 bilhões.

O sucesso lá fora logo se refletiu no Brasil. Dados do próprio LinkedIn revelam que atualmente o país é o terceiro em número de usuários, com 26 milhões de pessoas, sendo mais de 1 milhão só no Paraná – um dos cinco Estados com mais membros. Os números justificam a importância de participar da rede social, que hoje se tornou imprescindível como extensão para network, promoção de imagem e visibilidade dentro do mundo corporativo, sobretudo para os executivos, independentemente do porte das empresas em que atuam.

E foi pensando na utilidade da rede social que há 14 anos o brasileiro mais influente no LinkedIn iniciou o seu perfil. Sem ter uma estratégia definida para a rede social, Ricardo Amorim, CEO da Ricam Consultoria e apresentador do Manhattan Connection, da Globo News, chegou próximo dos 500 mil seguidores. Para ele, a presença digital ajuda na visibilidade e na credibilidade para os negócios. "Uma das coisas que as redes sociais criaram é a possibilidade de que as pessoas tenham marcas sociais, e, especificamente no LinkedIn, uma marca pessoal voltada para a comunidade dos negócios", conta.

Uma das razões de fortalecer a imagem pessoal nas redes sociais é porque somos vistos pelo que fazemos, e não por quem somos. É o que diz Márcio de Oliveira, especialista em coach pessoal. "Estar presente nas redes sociais nos deixa conectados com as pessoas e com as oportunidades existentes, ou seja, nos deixa atualizados em um mundo onde a informação e o conhecimento são rápidos."

Presença obrigatória

Especialistas no LinkedIn garantem: diante do atual momento de imersão digital, a presença de profissionais de alto escalão neste tipo de rede social voltada ao ambiente corporativo tornou-se obrigatória. "O mundo é digital. E se está presente na rede, deve estar bem posicionado. Personal branding e reputação digital devem ser preocupações constantes dos executivos atuais", reforça a consultora Denise Maia.

"Erroneamente, muitos pensam que o LinkedIn é uma plataforma de currículos online, mas, na realidade, ela é uma plataforma de relacionamento profissional", complementa Martha Gabriel.

Sobre os riscos de ignorar a presença digital, Denise alerta que o executivo pode ser esquecido diante de toda possibilidade de negócios disponíveis. "Vende mais quem tem melhor posicionamento e não quem entende mais do assunto. Para chegarmos em alguém, precisamos saber que ele existe", diz.

Compartilhe conhecimento

Se há uma rede social que foi feita para a troca de conteúdos relevantes entre os usuários é o LinkedIn. A ferramenta Pulse, comprada pelo LinkedIn em 2013, permite escrever artigos, editar textos e inserir imagens, além de gerar alertas de divulgação – ao publicar um novo artigo as conexões recebem a notificação de que determinado conteúdo foi publicado. "Se não tivermos uma participação nesta rede social ficamos esquecidos, desatualizados e fora das oportunidades que este ambiente traz. Quem escreve artigos é muito mais acessado e interessante do que quem não escreve", alerta o coach.

Autor de 145 publicações na ferramenta, Ricardo Amorim dá uma dica importante para quem deseja produzir conteúdo. "Pense na importância do ponto de vista de quem vai ler, não de você. Isso faz com que muito mais gente se interesse pelo conteúdo, aumenta suas conexões e ajuda a gerar negócios", indica.

Autora do best-seller "A era do marketing digital", Martha Gabriel explica que os assuntos que interessam aos usuários do LinkedIn são relacionados com áreas de desenvolvimento profissional, como educação, produtividade, liderança, negociação, equilíbrio, entre outras. "O executivo que usa o Pulse tem benefícios não

apenas na sua imagem pessoal, mas também pode, se usar com esse intuito, alavancar a imagem da empresa em que trabalha. O capital social favorece ambos."

Primeiros passos

Especialistas ouvidos pela Indústria em Revista dão dicas para ter um perfil ativo e que gere visibilidade. A primeira delas é se perguntar quem é importante para o relacionamento profissional – levando em conta um potencial comprador ou profissionais que atuem no mesmo segmento. A segunda dica, conta Denise Maia, é saber o que você quer dizer para as pessoas que passaram a fazer parte da sua rede. Agradecer por aceitar o pedido de conexão ou se apresentar ao convidar para participar da sua rede são ótimas maneiras de iniciar um diálogo para um relacionamento profissional.

Outra dica é que o usuário abrace a tecnologia. Martha Gabriel reforça a necessidade de perder o medo de experimentar novas tecnologias. "É preciso usar essas inovações tecnológicas para conhecer as possibilidades e limitações que oferecem. Costumo dizer que tecnologia é como a honestidade: quem não tem não sabe o que é", orienta.



“ERRONEAMENTE, MUITOS PENSAM QUE O LINKEDIN É UMA PLATAFORMA DE CURRÍCULOS ONLINE, MAS, NA REALIDADE, É UMA PLATAFORMA DE RELACIONAMENTO PROFISSIONAL.”

RICARDO AMORIM, CEO E APRESENTADOR DO MANHATTAN CONNECTION, CRIOU SUA CONTA NO LINKEDIN HÁ 14 ANOS E JÁ CHEGOU PRÓXIMO DOS 500 MIL SEGUIDORES.

Fortalecendo a imagem pessoal nas redes sociais

- Gere conteúdo interessante e que agregue para outras pessoas, desde que este conteúdo mostre seu conhecimento no que faz e lhe traga autoridade.
- Mantenha suas redes atualizadas. A sequência é a chave do sucesso para quem tem resultado a longo prazo.
- Comente, curta e compartilhe bons conteúdos dos seus relacionamentos. A reciprocidade faz com que as pessoas também se interessem por você. Afinal gentileza gera gentileza.

Orientações do coach Márcio de Oliveira

Governo Trump: ameaça ou oportunidade?

De um lado, apreensão com a política protecionista, de outro, entusiasmo com as novas portas que podem se abrir no mercado internacional

por Elvira Fantin

A eleição do empresário republicano Donald Trump para comandar a maior potência econômica do mundo causou um clima de apreensão no setor produtivo brasileiro e paranaense. Não por acaso as atenções neste momento se voltam para os Estados Unidos e os anúncios de seu novo presidente. O peso dos EUA nas transações comerciais brasileiras e paranaenses é significativo. Em 2016, o país norte-americano foi o segundo destino das exportações brasileiras, ficando atrás apenas da China. Cerca de 15% de tudo o que o Brasil exportou teve como destino o país de Donald Trump. Em relação às exportações do Paraná, os EUA ocuparam a terceira posição, consumindo 5,15% do que foi exportado. Na primeira posição ficou a China, seguida da Argentina.

Mas as decisões de Donald Trump não provocam impacto apenas nos negócios que o Brasil e o Paraná mantêm diretamente com os Estados Unidos. Qualquer mudança reflete no mundo todo, dada a relevância e influência do país norte-americano no mercado internacional. A primeira medida concreta anunciada por Trump foi a retirada dos Estados Unidos do Acordo Transpacífico (TPP), o tratado que estabeleceu o livre comércio entre 12 países da Ásia, América do Norte e América do Sul. A saída dos EUA do bloco agradou aos brasileiros, em especial aos empresários ligados ao agronegócio, que já enxergam novos horizontes para seus produtos.



“Se algumas empresas brasileiras estão preocupadas com eventuais restrições para exportar aos EUA, temos também segmentos que vislumbram novas oportunidades de negócios com as mudanças que devem ocorrer nos fluxos do comércio mundial”, afirma o presidente da Federação das Indústrias do Paraná (Fiep), Edson Campagnolo. “Ainda é cedo para saber quais serão os reais efeitos dessas mudanças, mas é preciso estar atento em relação a novos mercados que podem se abrir para a produção nacional”, completa.



AINDA É CEDO PARA SABER QUAIS SERÃO OS REAIS EFEITOS DESSAS MUDANÇAS, MAS É PRECISO ESTAR ATENTO EM RELAÇÃO A NOVOS MERCADOS QUE PODEM SE ABRIR PARA A PRODUÇÃO NACIONAL. ”

EDSON CAMPAGNOLO, PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO PARANÁ – FIEP.



PRODUÇÃO DE ÓLEO DE SOJA: COOPERATIVAS PARANAENSES VEEM COM BONS OLHOS A POSSIBILIDADE DOS MERCADOS QUE SE FECHAREM PARA OS EUA SE ABRIREM PARA O BRASIL.

EXPORTAÇÕES PARANAENSES EM 2016



1º CHINA
US\$ 3,5 BILHÕES



2º ARGENTINA
US\$ 1,5 BILHÃO



3º EUA
US\$ 781 MILHÕES

Principais produtos paranaenses exportados para os EUA

Madeira e derivados:
US\$ 380 milhões (*)

Componentes da indústria metalmeccânica:
US\$ 110 milhões (*)

* FONTE: MDIC – MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO.



Soja e etanol

“Países da Ásia, que estavam no acordo, como o Vietnã, por exemplo, podem recorrer ao Brasil para importar carnes e grãos”, comemora Irineo da Costa Rodrigues, presidente da Cooperativa Lar. Com sede em Medianeira, no Oeste do Paraná, a Lar é uma das grandes na produção de alimentos do Brasil. Segundo Rodrigues, as medidas do governo Trump estão gerando muita insegurança nos países que precisam importar alimentos. “Isso pode nos beneficiar”, acredita. Atenta às novas perspectivas, a Cooperativa Lar pensa em ampliar suas exportações, buscando especialmente os países que estão sob ameaça da política de Trump, como o México e a China.

Os empresários do agronegócio são os mais otimistas. O Brasil disputa os mesmos mercados no negócio internacional da soja com os Estados Unidos. Os três grandes produtores mundiais do grão são Estados Unidos, Brasil e Argentina, nesta ordem. “Se por algum motivo os Estados Unidos perdem mercado nesta área, o Brasil pode ocupar este espaço”, diz Flávio Turra, gerente técnico e econômico da Organização das Cooperativas do Paraná (Ocepar).



AS MEDIDAS DE TRUMP ESTÃO GERANDO INSEGURANÇA NOS PAÍSES QUE PRECISAM IMPORTAR ALIMENTOS E ISSO PODE BENEFICIAR O BRASIL. ”

IRINEO RODRIGUES, PRESIDENTE DA COOPERATIVA LAR.



Para Turra, a saída dos Estados Unidos do Acordo Transpacífico pode mudar o cenário mundial. “Além dos EUA, o acordo incluía também Canadá e México, que estão na mesma linha de produção do Brasil e dos demais países da América Latina, o que poderia abrir novos mercados também para o etanol, açúcar, suco de laranja e carnes”, explica Turra. Além disso, segundo ele, a saída dos Estados Unidos do TTP pode sinalizar que o país prefira acordos bilaterais no lugar de tratados multilaterais, o que deve favorecer a formalização de um acordo bilateral Brasil/EUA, que vem sendo tentado há tempo. “Um acordo bilateral com os Estados Unidos poderia intensificar as exportações de etanol”, acredita Turra.

O presidente do Sindicato da Indústria de Fabricação de Alcool do Paraná (Sialpar), Miguel Tranin, também acredita que novos mercados possam se abrir para o etanol produzido no Paraná. “Os Estados Unidos são os líderes mundiais no etanol, produzem o dobro de tudo o que o Brasil produz e chegaram neste patamar porque políticas públicas incentivaram a mistura do álcool na gasolina”, conta. Segundo ele, o governo Trump sinaliza para um maior incentivo ao petróleo, abrindo espaço para o Brasil na área de biocombustíveis.

Madeireiros alertas

Enquanto uns comemoram outros se preocupam. A indústria madeireira Lavrama, com sede em Palmas, no Sul do Paraná, produz exclusivamente para o mercado externo e 80% de sua produção tem como destino os Estados Unidos. Exporta molduras, usadas para rodapé e rodapê na construção civil norte-americana. O produto é isento de taxas para entrar no país de Trump e a grande preocupação é que passe a ser taxado.

“Se isto acontecer podemos perder competitividade”, diz o gerente comercial Marcelo Gelband. “Já temos os custos internos, com juro alto, carga tributária elevada e deficiência logística. Se, somado a isso, tivermos uma taxa para o ingresso nos EUA seremos muito prejudicados”, lamenta. Gelband torce, pelo menos, para que haja uma isonomia, ou seja, se o produto for taxado que o seja feito igualmente para todos os países que exportam para os EUA.

Dados do departamento econômico da Fiep mostram que a madeira e seus produtos derivados representam praticamente a metade de tudo o que o Paraná exporta para os Estados Unidos. E para o setor o país é o grande mercado. As exportações totais de madeira paranaense somaram US\$ 907 milhões em 2016, dos quais 42%, ou seja, US\$ 380 milhões, vieram das exportações para os EUA.

“O setor está atento com as medidas que devem ser tomadas por Donald Trump”, pontua Paulo Pupo, coordenador do Conselho Temático de Negócios Internacionais da Fiep. A maior preocupação diz respeito às possíveis taxações. “Hoje alguns produtos que exportamos integram o Sistema Geral



de Preferência (SGP), sendo isentos de taxas. Esperamos que isto seja mantido”, afirma. O SGP foi idealizado no âmbito da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento para que mercadorias de países em desenvolvimento pudessem ter acesso privilegiado aos mercados dos países desenvolvidos. “Nossa expectativa é de que o SGP continue em vigor”, diz Pupo, acrescentando que se novas medidas forem tomadas que sejam extensivas aos países vizinhos que competem com as exportações de madeira do Brasil. “É fundamental garantir a isonomia competitiva entre os principais concorrentes”, reforça.

Depois da madeira, o setor metalmeccânico é o que mais exporta para os Estados Unidos. De acordo com dados da Fiep, em 2016 o setor exportou US\$ 2,6 bilhões. Deste total, US\$ 110 milhões, ou 4,2%, tiveram como destino os EUA. “É um mercado importante para a cadeia produtiva da indústria que fabrica componentes metálicos para a indústria automotiva”, diz Nelson Hübner, proprietário da Hübner Componentes e Sistemas Automotivos, indústria de médio porte com sede em Araucária, na Região Metropolitana de Curitiba.

Para Hübner, é ainda cedo para fazer previsões, mas ele não se mostra muito preocupado. “Uma nova janela de oportunidades poderá se abrir para nós”, diz. Segundo o industrial, Trump demonstra ter disciplina como gestor e seu governo é voltado para o setor produtivo. “Precisamos observar com atenção tudo o que ele vai fazer e tentar adaptar algumas ações”, afirma, referindo-se à proteção à indústria local.

“SE NOSSO PRODUTO FOR TAXADO PARA ENTRAR NOS EUA PERDEREMOS COMPETITIVIDADE.”

MARCELO GELBAND, GERENTE DA INDÚSTRIA MADEIREIRA LAVRAMA.



“GOSTARIA DE ACALMAR OS SENHORES. NÃO MUDEM OS PROJETOS DE INTERNACIONALIZAÇÃO DE SUAS EMPRESAS EM FUNÇÃO DA MUDANÇA DO GOVERNO.”

ANDRÉ LEAL, REPRESENTANTE DO CONSULADO NORTE-AMERICANO.

Mais oportunidade para a indústria brasileira

As oportunidades para as indústrias brasileiras nos Estados Unidos devem se ampliar durante o governo do republicano Donald Trump. As relações comerciais não devem ser afetadas nem a concessão de vistos ligados a investimentos. Ao contrário, há possibilidade de ampliação das oportunidades. Foi o que afirmou André Leal, especialista em investimentos e representante do consulado norte-americano que participou da reunião do Conselho Temático de Negócios Internacionais, na Fiep, em fevereiro. Ele reforçou que um dos objetivos do novo governo é a abertura de postos de trabalho, o que deve reduzir empecilhos ao recebimento de investimentos.

“Gostaria de acalmar os senhores. Não mudem os projetos de internacionalização de suas empresas em função da mudança do governo”, salientou. Leal informou que médias e pequenas empresas também têm espaço. Em relação aos setores, o especialista destacou a Tecnologia da Informação. “Um quarto das empresas brasileiras que fazem sucesso nos Estados Unidos são do setor de TI”, disse. Outras áreas que vêm crescendo no país, segundo Leal, são: metalmeccânico, agronegócios, indústria farmacêutica e da construção civil.

Dólar instável e mão de obra cara

Mesmo os setores que não têm os Estados Unidos como principal mercado estão apreensivos e com bastante expectativa. Para Marcelo Melek, que preside o Sindicato da Indústria Química e Farmacêutica do Paraná (Sinqfar), o que mais preocupa é a moeda norte-americana. “O dólar instável impacta os negócios como um todo”, diz. Outra preocupação de Melek é o custo dos produtos norte-americanos, que podem ficar mais caros por causa da política anti-imigração, que deve restringir a oferta de mão de obra no país e torná-la mais cara, repercutindo no encarecimento dos produtos.

A Heide Extratos Vegetais, pequena indústria paranaense da área de biotecnologia que produz matérias-primas para a indústria cosmética e farmacêutica, ainda não exporta para os Estados Unidos, mas está de olho neste mercado. “Os produtos naturais e orgânicos que fabricamos são bastante valorizados pelo mercado norte-americano”, diz Ana Carolina Winkler, diretora da empresa. Segundo ela, a saída dos EUA do Transpacífico também é vista como uma oportunidade. “Novos mercados se abrirão para a área de alimentos do Brasil, onde a Heide está inserida como fabricante de ingredientes naturais”, destaca, acrescentando que a Agência Brasileira de Promoção das Exportações (Apex) será muito importante neste momento realizando missões para estes países que deixarão de ser atendidos.

O professor de Economia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) José Guilherme Silva Vieira também mostra preocupação em relação à moeda norte-americana. “O maior medo é que a política de Trump provoque muitas instabilidades e isso reflita no dólar. A indústria precisa de estabilidade e previsibilidade para trabalhar. O setor produtivo não se dá bem com flutuações”, observa o professor.

Para Vieira, o retrocesso em termos das relações comerciais também preocupa. “Logo os dois países que foram os promotores da globalização – Inglaterra e Estados Unidos – agora adotam políticas protecionistas e restritivas”, afirma. Ele lembra que o protecionismo já aconteceu no mundo entre as guerras e travou o comércio global.



Crédito: Gelson Bampi

PARA O PROFESSOR DE ECONOMIA DA UFPR JOSÉ GUILHERME SILVA VIEIRA, O NOVO GOVERNO PODE PROVOCAR INSTABILIDADE NO DÓLAR. ■



ECONOMIA

Ruim para quem?

Diversas empresas do setor agroindustrial têm boas perspectivas para 2017 e apostam na retomada da economia do País puxada pelo campo

por Denise Morini

Em 2016, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil encolheu 3,6% e a inflação chegou a 6,29%.

As previsões de especialistas para 2017 são de um cenário mais estável, com sinais de recuperação. De acordo com o Banco Central, o PIB deve ter alta de 0,48% e a inflação deve chegar a 4,19%. Apesar de ser aparentemente um ano para o reequilíbrio dos negócios, sem grandes ganhos, há pelo menos um segmento industrial bastante otimista com as perspectivas para o período. É o setor agroindustrial, que no Paraná representa umas das principais bases da economia. Responsável por cerca de 20% da produção nacional de grãos, o Paraná deve voltar a ser o campeão de produtividade em 2017, depois de ficar na sexta colocação no ranking da soja em 2016, quando houve quebra da safra.

A fabricante de máquinas agrícolas New Holland aposta no bom momento e está otimizando sua capacidade produtiva. No final de 2016, a indústria abriu vagas de emprego e os 250 temporários contratados em Curitiba, por causa do período de colheita, serão mantidos pelo menos até setembro. É o que garante o vice-presidente da empresa para a América Latina, Rafael Miotto. “Este é um mercado que deve crescer entre 10% e 20%, porque há várias frentes de atuação, com demandas muito distintas. Além disso, o produtor rural manteve-se conservador nos últimos meses e está capitalizado”, conta o VP, que confirma o otimismo da marca ao apresentar

inovações em sua linha de produção, como o lançamento de uma plantadeira mais moderna e novidades no uso de combustíveis. “Estamos começando a trabalhar no desenvolvimento de um trator movido a biometano, que teve sua viabilidade analisada em parceria com a Itaipu Binacional e a CiBiogás. Este será um equipamento mais efetivo no Brasil que em qualquer parte do mundo e deverá ser lançado nos próximos anos”, conta.

Quem também está apostando em 2017 é a cooperativa C. Vale, instalada em Palotina, no Noroeste do Paraná. Com 142 unidades de negócios, mais de 19 mil associados e 8 mil funcionários, a cooperativa atua também em Santa Catarina, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio Grande do Sul e Paraguai. A cooperativa foi criada em 1963 para resolver problemas como escoamento da safra, a ausência de crédito e de assistência técnica, e falta de locais para armazenar a produção.

Quem nasce em meio a tantos desafios está sempre pronto a navegar em mares mais turbulentos. Em 2016, enquanto o país amargava uma de suas piores crises econômicas, a C.Vale conseguiu aumentar seu faturamento em 24%, com diversificação dos negócios e estratégia de longo prazo. “Nós expandimos nossa área de ação para o Rio Grande do Sul. Recebemos 6,75 milhões de sacas de soja dos produtores gaúchos na safra 2015/16. Isso compensou quebras por problemas



A NEW HOLLAND, FABRICANTE DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS, JÁ OTIMIZA SUA CAPACIDADE PRODUTIVA DE OLHO NO BOM MOMENTO DO SETOR AGROINDUSTRIAL.

Crédito: Divulgação



Crédito: Assessoria de Imprensa Coamo

JOSÉ AROLDO GALLASSINI, PRESIDENTE DA COAMO AGROINDUSTRIAL COOPERATIVA, ENTENDE QUE O MELHOR MOMENTO PARA INVESTIR É DURANTE A CRISE, PARA SE DESTACAR NO MERCADO QUANDO ELA PASSAR.

climáticos em outros Estados, como aconteceu no Paraná”, explica Alfredo Lang, presidente da C.Vale. O executivo também tem a medida para períodos de estagnação, como deve ser 2017 – quando a cooperativa prevê crescimento de 20%. “Se você tem um mercado consumidor retraído, como é o caso atualmente, precisa ser criativo para vender. A nossa estratégia é fazer da qualidade um diferencial, porque você fideliza o seu cliente”, conta.

E quando o mar está para peixe, a cooperativa aposta em crescimento, sem medo de errar. “Estamos investindo R\$ 110 milhões na construção de um frigorífico para pescados em Palotina. Queremos colocá-lo em operação até o final de 2017 processando 75 mil tilápias/dia. Vamos precisar de 400 funcionários para essa primeira fase. Também vamos contratar mais 700 pessoas para o abatedouro de frangos, o que dá um total de 1.100 novas vagas somente neste ano. Decidimos investir na piscicultura porque o Oeste do Paraná é um dos polos de produção do Estado. Vamos aproveitar a vocação da região para oferecer uma nova alternativa de renda aos associados”, conta o presidente.

Outra empresa do setor que também estima crescimento

“ SE VOCÊ TEM UM MERCADO CONSUMIDOR RETRAÍDO, COMO É O CASO ATUALMENTE, PRECISA SER CRIATIVO PARA VENDER. A NOSSA ESTRATÉGIA É FAZER DA QUALIDADE UM DIFERENCIAL, PORQUE VOCÊ FIDELIZA O SEU CLIENTE. ”

ALFREDO LANG, PRESIDENTE DA C.VALE.

para 2017 é a Coamo Agroindustrial Cooperativa, maior cooperativa da América Latina, que lançou no ano passado um programa de investimento de R\$ 1 bilhão para os próximos quatro anos. O projeto de expansão prevê a inauguração, em 2019, de uma indústria de esmagamento de soja em Dourados (MS) e de três entrepostos ainda neste ano – um em Engenheiro Beltrão, no Noroeste do Paraná, e outros dois no Mato Grosso do Sul, em Sidrolândia e Itaporã.

O presidente da Coamo, José Aroldo Gallassini, explica que a cooperativa decidiu ampliar sua atuação durante a crise para que, quando o cenário econômico estiver mais favorável, possa trabalhar com mais força. “Desde a fundação da Coamo, há 46 anos, nós associados temos a preocupação de capitalizar a cooperativa, para podermos passar com tranquilidade por momentos mais críticos da economia”, conta Gallassini, que também destaca o trabalho firme da empresa no treinamento da equipe, hoje com 7.333 funcionários, e no preparo do cooperado para a entrega de seu produto e na forma de se relacionar com a cooperativa – hoje a Coamo conta com pouco mais de 28 mil cooperados no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. “Com esses cuidados, conseguimos ter um crescimento de 7,3% em 2016”, comemora o presidente, referindo-se à receita de R\$ 11,45 bilhões. As sobras do ano destinadas aos cooperados totalizaram R\$ 338,26 milhões e foram distribuídas de acordo com a movimentação de cada um.

E foi nesse setor que surgiu uma das primeiras iniciativas para trazer o Brasil de volta ao otimismo. A New Holland lançou, no início deste ano, a ação Conta Comigo Brasil. O lançamento da campanha foi no Show Rural Coopavel, de Cascavel, uma das mais importantes feiras do agronegócio do Brasil. A proposta do Conta Comigo Brasil, segundo o VP Rafael Miotto, é espalhar a positividade do homem do campo e ajudar a impulsionar a retomada do crescimento do país. “O produtor rural é um otimista por natureza. Queremos empoderar

os empreendedores deste segmento neste momento de estagnação, porque acreditamos que a agroindústria tem força para puxar todo o Brasil para cima”, anima-se Miotto, ao explicar que todos podem participar da ação, assinando seu manifesto no site contacomigo.com.br.



EM PALOTINA, A COOPERATIVA C.VALE ENTENDE QUE PARA OS PERÍODOS DE CRISE O MELHOR É INVESTIR, POR ISSO CONTRATARÁ MAIS DE 700 PESSOAS PARA SEU ABATEDOURO DE FRANGO, E MAIS 400 EM OUTRAS ÁREAS.



“O PRODUTOR RURAL É UM OTIMISTA POR NATUREZA. QUEREMOS EMPODERAR OS EMPREENDEDORES DESTA SEGMENTO NESTE MOMENTO DE ESTAGNAÇÃO, PORQUE ACREDITAMOS QUE A AGROINDÚSTRIA TEM FORÇA PARA PUXAR TODO O BRASIL PARA CIMA.”

VICE-PRESIDENTE PARA A AMÉRICA LATINA DA NEW HOLLAND, RAFAEL MIOTTO APOSTA NO OTIMISMO E NA CAPITALIZAÇÃO DO PRODUTOR RURAL E ANUNCIA INVESTIMENTOS ESPECÍFICOS DA FABRICANTE PARA O BRASIL.

SÉRIE: POLO INDUSTRIAL

Um polo que mudou a cara da economia paranaense

Implantação da indústria automotiva no Estado, que hoje é a terceira mais importante do país, reduziu a dependência do Paraná em relação à produção agrícola

por Rodrigo Lopes

A implantação e desenvolvimento de determinadas cadeias produtivas tem potencial para alterar o perfil econômico de uma região. A indústria automotiva paranaense talvez seja um dos exemplos mais emblemáticos desse poder transformador. Há praticamente quatro décadas, o Estado recebia os primeiros investimentos de empresas do setor, no que foi o princípio de um processo que levou o Paraná a se tornar o terceiro maior polo automobilístico do país e a diminuir, ao menos em parte, sua dependência da produção agrícola.

A cadeia automotiva responde por 15,2% da receita líquida de vendas da indústria estadual, atrás apenas da fabricação de produtos alimentícios, com 26,8%. São 552 empresas – incluindo montadoras de veículos, fornecedoras de peças e acessórios e fabricantes de cabines, carrocerias e reboques – que geram mais de 35 mil empregos, com uma massa salarial de R\$ 2,8 bilhões ao ano. Hoje, o Paraná responde por 11,46% da produção física de veículos no país, participação que sobe para 16,61% quando se considera o Valor da Transformação Industrial, indicador utilizado para medir o valor agregado à produção.

Mas para que alcançasse essa relevância no cenário nacional, o Paraná passou por três grandes ciclos de investimentos em sua cadeia automotiva. O economista Gilmar Mendes Lourenço explica que o primeiro deles ocorreu na segunda metade da década de 1970, impulsionado por três fatores principais: a implantação da Cidade Industrial de Curitiba (CIC), a instalação da Refinaria Presidente Getúlio Vargas (Repar), em Araucária, e uma política de descentralização da indústria brasileira, até então concentrada em São Paulo.

Outras questões também pesaram na decisão das empresas, como explica Carlos Ogliari, vice-presidente de Recursos Humanos e Assuntos Corporativos da Volvo, multinacional sueca que foi a primeira grande montadora a chegar ao Paraná, tendo lançado a pedra fundamental de sua fábrica de ônibus e caminhões em 1977. “Curitiba já se mostrava uma cidade com planejamento urbano de longo prazo, estávamos perto do Porto de Paranaguá, com uma boa infraestrutura e a poucos minutos de um aeroporto. Toda essa questão logística pesou muito”, explica. “Outro fator foi o potencial

de qualificação de mão de obra. Curitiba era muito conhecida por isso”, completa, referindo-se a instituições como o Senai e o Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná (Cefet-PR) – hoje transformado em Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR). Além da Volvo, outras grandes empresas do setor chegaram ao Paraná nesse primeiro período, como a New Holland e Robert Bosch.

O processo de expansão da indústria automotiva paranaense foi prejudicado, no entanto, pelas turbulências econômicas enfrentadas pelo Brasil na década de 1980. Fatores como a hiperinflação impediam qualquer previsibilidade na economia do País e afastavam investidores. Processo só interrompido em meados da década seguinte, com a estabilidade trazida pelo Plano Real. “O Paraná apresenta-se novamente como opção à volta da desconcentração industrial, recolocando seus trunfos ou atrativos à disposição dos investidores potenciais, com maior peso dos incentivos fiscais”, explica Lourenço, citando a forte política de benefícios adotada pelo governo do Estado na época para atrair as montadoras.



A POLÍTICA ESTADUAL DE INCENTIVOS RETOMADA EM 2011 GEROU RESULTADOS, COMO O INVESTIMENTO NA FÁBRICA DA RENAULT E A IMPLANTAÇÃO DA DAF CAMINHÕES, EM PONTA GROSSA.

Foi nesse período que o polo automotivo paranaense registrou seu maior crescimento, principalmente pela instalação das plantas da Renault e Volkswagen, em São José dos Pinhais, e da Chrysler, em Campo Largo. “Essas empresas demandavam uma cadeia muito maior de fornecedores”, lembra Benedicto Kubrusly Junior, diretor regional no Paraná do Sindicato Nacional da Indústria de Componentes para Veículos Automotores (Sindipeças). “Elas trouxeram também um novo modelo, com grandes fornecedores parceiros instalando-se no entorno de suas fábricas. Foi uma onda muito bonita de investimentos, com milhares de empregos sendo gerados”, acrescenta.

Nova interrupção e retomada

Apesar de uma estrutura já consolidada e com grande relevância para a economia do Paraná, o setor automotivo novamente viu seu processo de desenvolvimento sendo estancado no início dos anos 2000, desta vez por decisão política. Gilmar Mendes Lourenço lembra que o governo que assumiu o Palácio Iguazu estabeleceu uma “relação conflituosa” com as empresas, questionando os incentivos fiscais concedidos pela gestão anterior.

A quebra dos compromissos firmados entre iniciativa privada e poder público assustou tanto empresas que já haviam se instalado no Paraná quanto outras que pretendiam produzir aqui. “Inúmeras fábricas deixaram o Estado por isso e o Paraná perdeu também a vinda de novas indústrias. A própria Volkswagen, que tinha interesse em implantar novos projetos aqui, preferiu investir em outras regiões”, afirma Kubrusly.

A relação de confiança entre empresas e governo só foi retomada a partir de 2011, com a volta de uma política estadual de incentivos e maior segurança jurídica para investimentos privados. Os resultados logo apareceram, primeiro com um investimento de R\$ 1,5 bilhão da Renault para ampliação de sua capacidade produtiva em São José dos Pinhais, obra finalizada em março de 2013. Em outubro do mesmo ano, foi inaugurado outro empreendimento importante para o polo automotivo do Estado: a fábrica da DAF Caminhões, em Ponta Grossa.

O diretor comercial da empresa, Luis Gambim, comprova que a nova postura do governo, somada a outros fatores, foi fundamental para a decisão de se instalar no Paraná. “Ponta Grossa foi escolhida por oferecer a melhor relação entre custos



“O BOM AMBIENTE PARA NEGÓCIOS NO ESTADO E AS CONDIÇÕES FAVORÁVEIS DE INFRAESTRUTURA LOCAL TAMBÉM FORAM ESSENCIAIS PARA NOSSA INSTALAÇÃO NO PARANÁ.”

LUIS GAMBIM, DIRETOR COMERCIAL DA DAF CAMINHÕES, APOSTA NA RECUPERAÇÃO DAS VENDAS E CRESCIMENTO DO POLO NO PARANÁ NOS PRÓXIMOS ANOS.



A MULTINACIONAL SUECA VOLVO FOI UMA DAS PRIMEIRAS GRANDES MONTADORAS A SE INSTALAR NO ESTADO, NA DÉCADA DE 1970. PARA ESTE ANO PRETENDE INVESTIR BOA PARTE DO R\$ 1 BILHÃO DESTINADO À AMÉRICA LATINA PARA A PLANTA DE CURITIBA.

de operação, disponibilidade de mão de obra qualificada e proximidade dos fornecedores de componentes para a linha de montagem. O bom ambiente para negócios no Estado e as condições favoráveis de infraestrutura local também foram essenciais para nossa instalação no Paraná”, explica.

A nova leva de investimentos mais uma vez sofre impactos da situação econômica do país. Com o agravamento da crise nos últimos anos, a indústria automotiva foi uma das mais afetadas, com queda nas vendas e, conseqüentemente, na produção e nos empregos. Ainda assim, há plena confiança na recuperação do mercado em breve. “Nós esperamos uma retomada de confiança do consumidor e, com isso, um aumento gradativo do mercado. Os próximos anos deverão apresentar resultados de recuperação e crescimento nas vendas”, afirma Gambim, que revela uma meta ousada para a DAF ainda este ano: alcançar 7% de participação no mercado nacional de caminhões pesados.

O otimismo em relação ao futuro atinge também a pioneira Volvo. Às vésperas de completar 40 anos do início de sua ins-

talação no Paraná, a montadora anunciou, em fevereiro, que investirá R\$ 1 bilhão na América Latina, nos próximos três anos. A maior parte desse valor deve ser aplicada na unidade de Curitiba, para modernização tecnológica e desenvolvimento de produtos. “O que nos motiva é a firme crença no potencial que temos para dar a volta por cima”, declara Carlos Ogliari. “Fazemos esse investimento para manter nossa estrutura atualizada e seguirmos competitivos”, completa.



CARLOS OGLIARI, VICE-PRESIDENTE DE RECURSOS HUMANOS E ASSUNTOS CORPORATIVOS DA VOLVO: QUALIFICAÇÃO DA MÃO DE OBRA FOI UM DOS FATORES QUE PESARAM NA ESCOLHA PELO PARANÁ.

Articulação para fortalecer o setor

Pela relevância que ganhou, o polo automotivo e de autopeças foi considerado um dos pilares do desenvolvimento do Estado na publicação “Setores portadores de futuro para o Paraná 2015-2025”. O estudo prospectivo, lançado pelos Observatórios Sistema Fiep no ano passado, coloca o segmento como um dos setores estruturais para a economia paranaense.

Traçar cenários para o futuro desse setor, aliás, é um trabalho realizado pelos Observatórios desde 2008, quando editou o estudo “Dinâmica e tendências do setor automotivo da Região Metropolitana de Curitiba”. A consistência do material apresentado, construído a partir das perspectivas de diferentes atores dessa cadeia produtiva, resultou na criação de um comitê gestor estratégico, responsável por discutir meios para se alcançar os cenários previstos nos estudos.

Dessa mobilização encabeçada pelos Observatórios, surgiram grupos que buscam soluções práticas para problemas enfrentados pelas empresas. “O primeiro comitê técnico criado se debruçou sobre a capacitação de mão de obra”, explica Carla Fontana Simão, especialista dos Observatórios responsável pela articulação do setor. “Uma necessidade identificada por esse grupo foi a deficiência para formação de líderes de equipe para atuarem nas indústrias”. Com as especificidades apontadas por executivos de recursos humanos das empresas, foi montado um curso pela Escola de Gestão da Faculdade da Indústria IEL, também ligada ao Sistema Fiep, para formação desses líderes.

Outro tema de debates nessa articulação é o adensamento da cadeia de suprimentos para as montadoras. Como resultado prático, foi criado um ciclo de encontros chamado Autopeças Paraná Summit, com o objetivo de aproximar as fabricantes de veículos de fornecedores de peças e componentes. Desde que foi lançado, em 2013, a iniciativa já resultou em negócios efetivos entre as empresas.

		PARTICIPAÇÃO NO SETOR NACIONAL	
A INDÚSTRIA AUTOMOTIVA DO PARANÁ*		552 empresas**	11,18%
		35.442 empregos**	8,51%
		R\$ 2,8 bilhões em salários***	10,37%
		R\$ 31,7 bilhões em receita líquida***	12,44%
		R\$ 13,6 bilhões em VTI***	16,61%
		281.185 veículos produzidos****	11,46%

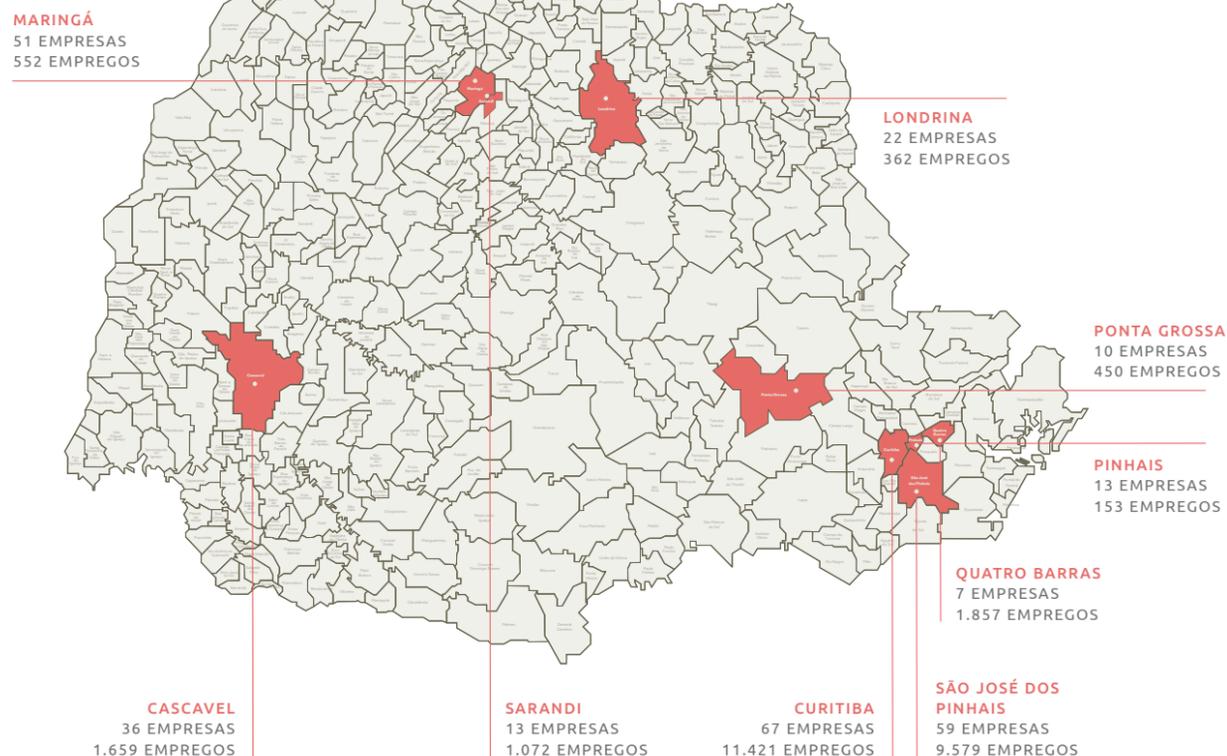
*VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL | **FONTE: RAIS/MTE (2015); ***PIA/IBGE (2014); ****ANFAVEA (2016) CONSOLIDAÇÃO DOS DADOS: GERÊNCIA DE ECONOMIA, FOMENTO E DESENVOLVIMENTO DA FIEP

Presença também no interior

Apesar da grande concentração de empresas na Região Metropolitana de Curitiba, o Paraná possui polos importantes do setor automotivo também no interior. Neles, concentram-se especialmente empresas de peças e acessórios e de cabines, carrocerias e reboques. Além de Ponta Grossa, que recebeu os investimentos mais recentes, as regiões que mais se destacam são a de Maringá, que abriga indústrias como a Noma, uma das principais fabricantes de implementos rodoviários do país; e de Cascavel, sede da Mascarello, uma das maiores empresas do segmento de carrocerias e ônibus do Brasil.

Para o economista Gilmar Mendes Lourenço, o desenvolvimento da indústria automotiva no Paraná foi importante para reduzir a dependência da economia do Estado em relação ao agronegócio e a ciclos específicos, como o da erva-mate, café ou soja. "Com as três fases de implantação, diversificação e adensamento do polo automotivo e seus efeitos multiplicadores dinâmicos sobre as demais atividades do segmento metalmeccânico, em especial o complexo eletroeletrônico, o Paraná começou a liberar-se da crônica dependência do funcionamento pautado em ciclos econômicos", explica.

A INDÚSTRIA AUTOMOTIVA EMPREGOS E ESTABELECIMENTOS



Fonte: RAIS / MTE (2015)

Desafios e oportunidades para quem quer inovar

O Brasil tem o pior desempenho entre os países que compõem o BRICS e ocupa a 69ª posição no ranking geral. Mas é preciso persistir: a eficiência ao inovar é capaz de criar grandes diferenciais de competitividade

por Poliane Brito

Fundada por universitários, a Hi Technologies nasceu da ideia de criar um sistema de telemedicina universal que permitisse aos médicos monitorar pacientes pela internet. O protótipo foi desenvolvido e aceito pela Incubadora Tecnológica de Curitiba.

Tudo ia bem e os amigos tinham a impressão de que as coisas iam dar certo rapidamente. Porém, a prática se mostrou um pouco diferente. “Levamos cerca de dois anos para conseguir o primeiro cliente pagante. A maioria dos hospitais tinha receio de usar um sistema criado por uma empresa que não possuía nenhum engenheiro formado e cujo sócio mais velho não tinha mais que 20 anos de idade”, conta Marcus Figueiredo, um dos fundadores e atual CEO da companhia.

O período inicial foi difícil e acabou fazendo com que a maioria dos fundadores abandonasse a empreitada. Em determinado momento, a indústria, que começou com um capital social de R\$ 2.500, decidiu também fabricar hardware médico. “Usamos todos os nossos recursos – com apoio da Fiep, da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – para desenvolver um equipamento médico inovador e construir uma fábrica piloto que nos permitisse produzir dentro das normas da Anvisa. Após cerca de três anos, a Hi Technologies se transformou em uma indústria médica”, relata Marcus.

A decisão, de acordo com Figueiredo, mostrou-se bem acertada. Unindo software e hardware, a competitividade aumentou e a indústria passou a crescer em um ritmo mais acelerado. “Como indústria, também ganhamos uma série de prêmios de inovação muito importantes. Todo o crescimento e inovação acabou chamando a atenção da Positivo Informática, que tornou-se acionista da nossa empresa em 2016.”

Concorrendo com grandes players do mercado mundial, na época da fundação, a empresa não tinha capital de giro e os sócios não tinham experiência. “Nós não éramos especialmente bons em estratégia ou em administração financeira. Éramos uma microempresa inserida em um dos mercados mais competitivos do mundo. A nossa única vantagem nesse cenário era a inovação. Apesar de sermos pequenos e ‘pobres’ sempre cultivamos um olhar diferente em relação à tecnologia e aos nossos produtos”, lembra o CEO.

Não foram apenas o mercado e a falta de capital os entraves encontrados pela indústria ao inovar. Figueiredo afirma que um conjunto de fatores são desfavoráveis: “Inovar no Brasil é sinônimo de enfrentar algumas dificuldades. É difícil encontrar funding, vencer as barreiras burocráticas e até mesmo importar componentes tecnológicos do exterior. Apesar de todas essas dificuldades serem enormes, acredito que exista uma mais gritante. Existe uma falta enorme de mão de obra inovadora no Brasil”.

O CEO afirma que há no Brasil uma cultura pela estabilidade. E que muitos estudantes sonham em ter uma carreira estável, seja ela no governo ou em uma multinacional. “No final, quase ninguém quer trabalhar em uma empresa iniciante. Trabalhar em uma empresa incubada, por exemplo, não dá o mesmo glamour que trabalhar em uma multinacional!”

“ LEVAMOS CERCA DE DOIS ANOS PARA CONSEGUIR O PRIMEIRO CLIENTE PAGANTE. A MAIORIA DOS HOSPITAIS TINHA RECEIO DE USAR UM SISTEMA CRIADO POR UMA EMPRESA QUE NÃO POSSUÍA NENHUM ENGENHEIRO FORMADO E CUJO SÓCIO MAIS VELHO NÃO TINHA MAIS QUE 20 ANOS DE IDADE. ”

MARCUS FIGUEIREDO, DA HI TECHNOLOGIES, CONTA QUE A APOSTA EM INOVAÇÃO FEZ A INDÚSTRIA SUPERAR AS DIFICULDADES E SOBREVIVER EM UM MERCADO COMPETITIVO.



Priorizar para crescer

Os desafios encontrados pela Hi Technologies também foram as dificuldades pelas quais passou a Profilática. Focada na inovação e na busca de soluções mais eficientes para o controle de infecções hospitalares, a indústria nasceu em 1998, em Araucária, com o intuito de trazer novos conceitos para o mercado.

A princípio, comercializavam apenas produtos químicos para serem aplicados no controle de infecções. Depois, percebendo a dificuldade de os profissionais lidarem com o preparo e aplicação dos químicos, viram que era uma necessidade pensar em sistemas que diminuíssem o contato direto com as substâncias, o desperdício de água e que aumentassem a precisão. “Como não encontramos nenhum produto no Brasil ou fora, optamos por investir num departamento de pesquisa e desenvolvimento de equipamentos para aplicação de substâncias químicas”, conta o CEO da Profilática, Eridon Araujo.

O sistema desenvolvido tornou-se base para outros projetos e foi condecorado, em 2015, com o Prêmio Nacional de Inovação Tecnológica da Confederação Nacional da Indústria (CNI). Mas o caminho até o prêmio não foi fácil. O primeiro empecilho é que inovação exige investimento. “É um dos grandes entraves, pois é preciso buscar recursos que viabilizem a pesquisa e o desenvolvimento para que essa inovação tenha o resultado que você espera”, afirma Araujo.

“ NO FINAL, QUASE NINGUÉM QUER TRABALHAR EM UMA EMPRESA INICIANTE. TRABALHAR EM UMA EMPRESA INCUBADA, POR EXEMPLO, NÃO DÁ O MESMO GLAMOUR QUE TRABALHAR EM UMA MULTINACIONAL. ”

MARCUS FIGUEIREDO, UM DOS FUNDADORES DA HI TECHNOLOGIES.



O CEO DA PROFILÁTICA, ERIDON ARAUJO, NA CERIMÔNIA DE ENTREGA DO PRÊMIO NACIONAL DE INOVAÇÃO TECNOLÓGICA DA CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA (CNI).

Além disso, na área de equipamentos, se a intenção é comercializar no mercado externo, é preciso fazer testes em laboratórios especializados, muitas vezes não disponíveis no Brasil, para atender às certificações e exigências internacionais.

A mão de obra qualificada também é um desafio. Eridon conta que até pouco tempo as indústrias encontravam parcerias com pesquisadores, que tinham bolsas e compartilhavam conhecimento. Mas, este tipo de subsídio foi reduzido. “No Brasil, ainda há necessidade de incremento visando incentivar a empresas inovadoras, tanto por parte do governo quanto dos investidores”, alerta o CEO.

Para driblar este entrave, de acordo com o dirigente da Profilática, as indústrias acabam priorizando projetos mais simples. “Não significa que engavetamos projetos mais importantes, mas reduzimos a velocidade.”

Apesar do ambiente de negócios complexo, a indústria tem uma rede de distribuição em todo o país, projetos para exportação nos próximos dois anos e busca parceiros fora do Brasil.

Ventos desfavoráveis

Inovar no Brasil não é tarefa simples e não depende apenas da boa vontade do empresário, de acordo com estudo recente encomendado pela CNI e pelo Sebrae. A pesquisa mostra que o País ocupa a última posição quando o tema é inovação entre os BRICS – que inclui também Rússia, Índia, China e África do Sul.

O levantamento examinou 79 critérios de performance do Brasil, entre 2011 e 2016, incluindo total de recursos, resultados e eficiência dos investimentos feitos em inovação. Entre o grupo econômico, China, Rússia e África do Sul apresentaram melhores resultados em dados absolutos e em posição e subiram, respectivamente, 4, 13 e 5 posições no ranking. A Índia perdeu 4 colocações (está em 66º lugar) e o Brasil, 22 (69ª posição). O estudo mostra ainda que a China desponta entre os demais países e é a 25ª colocada no ranking geral.

A diretora de Inovação da CNI, Gianna Sagazio, enumera alguns dos fatores que levaram o país à queda: questões regulatórias, nível de inovação público e privada, qualificação de capital humano e cooperação entre universidades e empresas.

A entidade, que aposta na inovação como um termômetro para a competitividade das indústrias, defende um ambiente de negócios favorável à inovação, que respeite os direitos de propriedade intelectual, com uma base científica e educacional sólida, integração entre universidades e empresas, facilidade e estímulo para empreender e fontes de financiamento relevantes e permanentes para inovação.



PARA GIANNA SAGAZIO, DIRETORA DE INOVAÇÃO DA CNI, QUESTÕES REGULATÓRIAS E FALTA DE COOPERAÇÃO ENTRE UNIVERSIDADES E EMPRESAS FORAM ALGUNS DOS FATORES QUE LEVARAM À QUEDA DO BRASIL NO RANKING.

Investimento sim, despesa não!

Os desafios existem e os percursos podem ser longos. Mas a inovação ainda é a chave para o sucesso e deve ocorrer de forma contínua, fazer parte da cultura da empresa, estar presente no dia a dia dela em bons ou maus períodos.

O maior mito (veja matéria "Inovar para ter Sucesso" no Encarte de Inovação dessa revista) é provavelmente o de que os custos da inovação são elevados, exige equipe de doutores, laboratórios e equipamentos de última geração. De acordo com o gerente executivo de Tecnologia e Inovação do Sistema Fiep, Luiz Carlos Ferracin, sempre é necessário investir tempo e dinheiro na inovação das empresas, dos produtos ou dos serviços. "Mas é preciso que seja com uma visão de investimento e não de despesa", diz.

Ferracin acrescenta que as empresas inovadoras criam seus próprios nichos e deixam de competir por mercados saturados pela concorrência e se tornam únicas. "Não há data certa nem circunstância econômica para iniciar. É necessário estar alerta e de mente aberta para ser diferente".

Eficiência: chave da inovação

Cada vez mais o valor dos negócios se baseia em conhecimento, experiência e novos lançamentos. Entregar a mesma coisa para o consumidor final, em um mercado tão acirrado, não é garantia de sucesso. Assim, de acordo com a diretora de Propriedade Intelectual da Agência de Inovação da Universidade Estadual de Campinas, Patrícia Leal Gestic, a competitividade está diretamente relacionada à capacidade de inovar, seja através de novas soluções, processos implantados ou produtos lançados.

Mas o raciocínio de que investir em pesquisa e em desenvolvimento leva à inovação só é verdadeiro, segundo a diretora, quando há planejamento, ações pragmáticas e direcionadas ao mercado, clareza das etapas de desenvolvimento e dos desafios de cada um dos estágios que fazem parte do ciclo de inovar. E isso hoje, para Patrícia, não é uma realidade no país. "O que vemos no Brasil é que a área de pesquisa e desenvolvimento é a primeira a ser descontinuada em um momento de dificuldade. Independentemente da gravidade, esta ação, pouco estratégica, impacta diretamente na competitividade e ignora todo o investimento anteriormente alocado, seja privado, seja público, seja misto".

Segundo ela, por isso os investimentos neste âmbito não atingem a finalidade no Brasil. "A eficiência em inovação é chave. Somente teremos eficiência se otimizarmos os esforços, se conectarmos pessoas e instituições, se otimizarmos recursos, se tivermos claramente elencadas as necessidades dos segmentos industriais e definido um plano estratégico nacional envolvendo indústria, universidades e institutos de pesquisa, para que os esforços sejam em uma única direção – foco e ações pragmáticas que traduzam o conhecimento em valor, em empregos de alta performance, em renda e em competitividade", defende.



“ O QUE VEMOS NO BRASIL É QUE A ÁREA DE PESQUISA E DESENVOLVIMENTO É A PRIMEIRA A SER DESCONTINUADA EM UM MOMENTO DE DIFICULDADE. INDEPENDENTEMENTE DA GRAVIDADE, ESTA AÇÃO, POUCO ESTRATÉGICA, IMPACTA DIRETAMENTE NA COMPETITIVIDADE E IGNORA TODO O INVESTIMENTO ANTERIORMENTE ALOCADO, SEJA PRIVADO, SEJA PÚBLICO, SEJA MISTO. ”

PATRÍCIA LEAL GESTIC, DIRETORA DE PROPRIEDADE INTELECTUAL DA AGÊNCIA DE INOVAÇÃO DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS.

Quando os ganhos não compensam

Com a Lei Anticorrupção e mecanismos de compliance, as indústrias ganham proteção de negociações ilícitas e garantem contratos mais sólidos

por Denise Morini

Em março deste ano, a Lei nº 12.846/2013, conhecida como Lei Anticorrupção, completou um ano de regulamentação. A legislação cria parâmetros e novas penas para a punição de empresas que cometam atos de corrupção. Com estas regras mais claras, os mecanismos desenvolvidos para reprimir este tipo de prática passam a ser mais conhecidos e utilizados pelas indústrias.

Mas ainda há um longo caminho a ser percorrido. Uma pesquisa com 250 empresas revelou que pouco mais da metade (58%) possuía mecanismos de gestão de riscos de compliance, enquanto os 42% restantes afirmaram desconhecê-los. O estudo foi apresentado no início deste ano pela auditoria KPMG. Compliance é o conjunto de ações que auxiliam os envolvidos a agirem em sintonia com a legislação, os valores, as diretrizes e as políticas de uma determinada empresa ou instituição e que também orienta como identificar e tratar desvios ou inconformidades que possam ocorrer e, assim, minimizar riscos.

Para o advogado e especialista no assunto, Fernando Vernalha, o combate não é apenas uma questão de legislação, mas de controle e atenção. "Historicamente, há ineficácia do Estado na investigação e na aplicação de penas. Faltam entidades e autoridades com competência para fiscalizar e aplicar as penalidades", defende o jurista, que cita a Operação Lava Jato como um exemplo de atuação bem-sucedida, por haver dedicação com competência por parte das entidades envolvidas na condução das investigações.

Há também um fator decisivo e que deve contribuir neste processo de mudança cultural, que é a participação e o posicionamento da população pedindo o fim deste tipo de prática. É o que acredita o advogado René Dotti. "Há um escritor francês, que é jurista, chamado Jean Cruet, e o livro dele, revolucionário, fala sobre a inutilidade das leis. Ele afirma que já viu a sociedade muitas vezes mudar a lei, mas que nunca viu a lei mudar a sociedade. A lei pode mudar essa questão cultural da corrupção? Imediatamente, não. Mas à medida que o tempo passa, forma-se uma consciência da necessidade coletiva da conduta. E acredito que já estamos nesse caminho", afirma.



FERNANDO
VERNALHA



RENÉ
DOTTI

Apoio para as pequenas e médias empresas

A Alliance for Integrity surgiu há três anos, como uma iniciativa global entre sociedade civil, setor público e setor privado, com o objetivo de apoiar as empresas no combate à corrupção. Implementada pela agência de Cooperação Alemã para o Desenvolvimento (GIZ, na sigla em alemão), a Alliance tem atuação internacional, e no Paraná, com a parceria do Cifal Curitiba, trabalha na divulgação de informações para reforçar as boas práticas de transparência dentro das empresas.

Uma das ações é a capacitação de prevenção à corrupção "De empresas para empresas (Depe)". O primeiro passo da capacitação – oferecido em Curitiba em 2016 – é o Train-The-Trainer, um programa que treina especialistas de compliance de grandes organizações para que eles se tornem treinadores de pequenas e médias empresas (PMEs). O objetivo é fomentar a integridade em toda a cadeia de negócios, visando a construir um ambiente mais sustentável, como explica a network manager da Alliance

for Integrity, Amanda Rocha. “Nosso foco são as PMEs porque compõem mais de 90% da base das empresas e a integridade precisa estar presente em todo o processo. Queremos demonstrar que mesmo as menores podem implementar medidas eficazes que não custam tanto, como checar a reputação de um parceiro antes de fechar uma compra, ou fazer uma análise de risco do negócio, ter um código de ética...”, exemplifica a gestora.

A Alliance for Integrity também disponibiliza em seu site (allianceforintegrity.org) publicações que apoiam as empresas que queiram mais transparência em seus procedimentos, como o “No Excuses” – um guia de bolso para derrubar as dez desculpas mais comuns para um comportamento corrupto, e o “Guia de Combate à Corrupção” – cartilha online com informações básicas para indústrias que queiram implementar seus próprios sistemas de compliance. Um dos pontos enfatizados pela cartilha é a importância do programa refletir a realidade da empresa, de forma que colaboradores e líderes incorporem suas práticas naturalmente, independentemente de seu porte.

A indústria de biotecnologia Granotec, com 120 colaboradores – considerada pequena empresa – decidiu normatizar seu programa de compliance há seis anos, após a crise econômica nos Estados Unidos. O diretor comercial da empresa, Eduardo Feliz, explica que a cultura da transparência sempre esteve na essência da Granotec, mas que o momento econômico em 2008 exigiu algo mais formal. Com um acionista e grande parte dos fornecedores estrangeiros, a liderança da empresa convenceu-se de que seria muito mais seguro para todos implantar um programa oficial. “Entendemos que nossa forma de atuar precisava estar muito clara para nossos principais públicos. O negócio deixou de ser um produto, um resultado, quando compreendemos o quanto também somos importantes para nosso ambiente, para nosso Estado e nosso País”, explica o gestor, que também destaca a necessidade de assumir a transparência no dia a dia e desmistifica a ideia de que programas de compliance são inviáveis financeiramente para os pequenos. “O compliance é muito mais uma questão de comportamento que de investimento. O primeiro passo para quem quer trilhar esse caminho é manter um relacionamento estreito com quem você trabalha. Esteja aberto e conheça a fundo seus fornecedores, clientes e representantes de órgãos públicos que interagem com sua empresa. Os industriais precisam amadurecer essa ideia”, alerta.



Crédito: Gelson Bampi

“ O COMPLIANCE É MUITO MAIS UMA QUESTÃO DE COMPORTAMENTO QUE DE INVESTIMENTO. ”

EDUARDO FELIZ, GRANOTEC.



Crédito: Vanessa Kosch

FRANCISCO ZARDO



Crédito: Vanessa Kosch

JULIO BROTTTO

Punição cara

Para os que são céticos quanto à nova lei, o advogado Francisco Zardo alerta sobre a severidade de punição se as regras não forem respeitadas. “Há um conceito no Brasil de leis que não pegam e de impunidade. Eu não apostaria isso na Lei Anticorrupção, que prevê penas duríssimas para quem não a cumprir, como multas que podem chegar a até 20% do faturamento bruto. É uma multa que tem potencial para levar a empresa à falência. Além disso, o autuado é obrigado a expor nos meios de comunicação (com seus próprios recursos) que foi punido por ter praticado um ato de corrupção. As empresas em desacordo com a lei também deixam de receber financiamentos de instituições públicas, como Banco do Brasil, BNDES e agências de fomento, além de serem impedidas de participar de licitações”, explica.

Para o advogado Julio Brotto, o grande diferencial da Lei Anticorrupção é trazer em sua essência a ideia de que o ganho com a irregularidade não compensa. “A empresa pode inclusive ter sua dissolução da pessoa jurídica, que significa seu fechamento. Não havia essa possibilidade antes dessa lei. O procurador Deltan Dallagnol costuma dizer que as medidas de punição, em relação às pessoas jurídicas, têm que ter um custo maior que o benefício da corrupção. E a Lei Anticorrupção traz essa ideia, de ser custoso demais”, conclui o jurista.

CINCO PILARES DE UM PROGRAMA DE COMPLIANCE



1. COMPROMETIMENTO DA ALTA DIREÇÃO



2. ESTABELECEER DENTRO DA EMPRESA ÁREA RESPONSÁVEL POR IMPLANTAR E FISCALIZAR



3. ANALISAR QUAIS SÃO OS PONTOS DE CONTATO QUE A EMPRESA TEM COM O PODER PÚBLICO (PONTOS MAIS SENSÍVEIS)



4. DIFUNDIR ESSA PRÁTICA PELA INSTITUIÇÃO, COM CÓDIGO DE CONDUTA E TREINAMENTOS



5. MONITORAMENTO



O pertencimento como fator de competitividade

Empresas que investem no reconhecimento do profissional tendem a ganhar em produtividade

por *Juliano Pedrozo*

Contrapartida que traz reconhecimento

O consultor de licitações José Guilherme Bialli, 62 anos, iniciou sua carreira no Sebrae Paraná ainda como estagiário, nos últimos anos da faculdade de Economia. “Me candidatei, fiz o teste e a entrevista, e estou aqui há 43 anos”, conta orgulhoso o colaborador que já passou por diferentes áreas. A dedicação de Bialli na mesma empresa durante quatro décadas é fruto, em grande parte, do trabalho desenvolvido dentro da organização para valorizar os colaboradores. “Foi o conjunto que fez com que eu ficasse na empresa. O propósito de trabalhar com quem precisa faz com que a gente vista a camisa e permaneça para contribuir”, explica referindo-se ao atendimento às micro e pequenas empresas.

“Uma das coisas que retêm o funcionário são os programas. Salário não é tudo, não adianta só ter remuneração, pois se a pessoa não é engajada ela não fica. Se a empresa quer manter o funcionário engajado, precisa investir”, orienta Isis Borge, gerente de divisão da consultoria Robert Half, líder mundial em recrutamento especializado com atuação em 21 países.



NO SEBRAE PARANÁ O FOCO ESTÁ NAS PESSOAS E NÃO NOS PRODUTOS, CONTA A GESTORA DE PESSOAS ALBA SOARES.

Integrantes do seletor ranking “Melhores Empresas Para Você trabalhar”, divulgado em 2016 pela Revista Você S/A, Grupo Boticário e Sebrae Paraná, respectivamente, foram eleitas as melhores nos setores de Bens de Consumo – Higiene e Beleza e Educação. Entre elas está a semelhança na aposta em benefícios e programas e a satisfação dos funcionários.

“Por ser uma empresa de serviços, basicamente toda a nossa atividade principal ou razão de existir está na mão dos colaboradores. Nossa ênfase está nas pessoas, não nos produtos”, explica a gestora de pessoas do Sebrae Paraná, Alba Soares.

Atualmente, conta Alba, a empresa trabalha com duas frentes. A primeira consiste em um programa que estimula a participação com a criatividade dos funcionários. Em um ambiente online, o colaborador posta a ideia para a melhoria do trabalho ou de processos entre as áreas. Em seguida, a sugestão é analisada por um comitê e pode, se aprovada para implementação, fazer parte da galeria de inovadores.

A segunda iniciativa está relacionada à qualidade de vida dos trabalhadores, com atividades envolvendo sessões de acupuntura, nutricionista, palestras específicas destinadas aos públicos masculino e feminino. Todas as capacitações são concentradas no primeiro semestre, quando o ritmo de trabalho e dos colaboradores está a todo vapor, por estar no início do ano. Já as atividades voltadas à vida do trabalhador ocorrem no segundo semestre, quando o cansaço apresenta os primeiros sinais. Há também o investimento em capacitações dentro da política da empresa – são mais de 15 opções entre pós-graduação, cursos de idiomas e outras atividades custeadas pelo Sebrae, com liberdade de escolha de acordo com o momento que o colaborador se encontra na vida.

No Grupo Boticário, a aposta na comunicação interna é um dos principais elos com os colaboradores. Graziella D’Enfeldt, diretora de Recursos Humanos, ressalta a cultura relacional e os investimentos em tecnologia e em ferramentas variadas para chegar aos stakeholders internos. “Fazemos questão de manter a nossa publicação impressa direcionada aos colaboradores. Para nós, essa é uma forma de levar o Grupo Boticário também aos familiares, além de ser um símbolo físico da nossa cultura”, conta sobre a Revista Essência, de circulação interna, eleita pela Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberje) como a melhor mídia impressa de 2016.



Crédito: Divulgação

NA PERKONS, QUE ATUA EM SOLUÇÕES PARA A ÁREA DE TRÂNSITO, A FLEXIBILIDADE NOS HORÁRIOS DE TRABALHO É UMA FORMA DE VALORIZAR OS FUNCIONÁRIOS, O QUE GERA PRODUTIVIDADE.

Outro exemplo de ação vem da Perkons, que atua em soluções para a área de trânsito e possui sede em Curitiba – na empresa, os horários de trabalho são flexíveis. “Dentro do que permite a legislação trabalhista e as atividades da companhia, somos bastante flexíveis com horários. Isso permite que o colaborador possa fazer o horário que achar mais adequado, desde que combinado com a chefia imediata”, ressalta Régis Nishimoto, diretor de Recursos Humanos e Operações da empresa, que também concede um dia de folga para o funcionário no dia do aniversário, em data negociável.

Produtividade

De acordo com Nishimoto, a valorização dos colaboradores é um fator fundamental no aumento da produtividade aliada às melhores técnicas de gestão. Com as medidas de valorização, os custos indiretos e despesas da companhia têm caído ano a ano. “Estamos fazendo mais com menos. Isso significa um ganho de produtividade que nos torna mais competitivos e nos permite crescer de forma sustentável”, comemora.

De acordo com uma pesquisa divulgada em janeiro deste ano pela consultoria de recrutamento e seleção de executivos Elancers, a principal queixa dos colaboradores não é a de remuneração salarial, mas sim de “reconhecimento profissional” e “satisfação pessoal com o trabalho”, que juntos representam os desejos de 67% dos entrevistados.



Crédito: Divulgação/Grupo Boticário

GRAZIELLA D'ENFELDT, DIRETORA DE RECURSOS HUMANOS DO GRUPO BOTICÁRIO, ELEITO UMA DAS MELHORES EMPRESAS PARA TRABALHAR, DESTACA A COMUNICAÇÃO INTERNA COMO O PRINCIPAL ELO COM SEUS COLABORADORES.



Crédito: Gelson Bampi

HOJE CONSULTOR DE LICITAÇÕES, JOSÉ GUILHERME BIALLI INICIOU SUA CARREIRA NO SEBRAE HÁ 43 ANOS, COMO ESTAGIÁRIO QUANDO CURSAVA ECONOMIA. “FOI O CONJUNTO QUE FEZ COM QUE EU FICASSE NA EMPRESA.”

Atitude simples

Muitas vezes as soluções para valorizar os funcionários estão mais próximas do que se possa imaginar. A consultora Isis Borge garante que a maioria das ações não necessariamente envolve custos, pois as pequenas atitudes, como um “obrigado”, um incentivo ou “parabéns”, já fazem a diferença.

Um exemplo simples e que gera um sentimento de proximidade do colaborador com a instituição está na ação realizada no último ano pelo Grupo Boticário, intitulada o “checkup do coração”. Durante um dia inteiro os 7 mil trabalhadores pararam para um momento de reconexão com a essência da empresa. “Unimos razão e emoção, alinhamos expectativas e compartilhamos o propósito e a visão. Como resultado final tivemos colaboradores altamente engajados e felizes em uma ação que parou fábricas, distribuição e todas as operações em prol da cultura organizacional”, comenta Graziella.

Primeiros passos

Antes de seguir com a implementação de programas para valorização, a diretoria deve verificar a viabilidade e o grau de investimento que irá fazer. As saídas podem ser o benchmarking, verificando ações de outras empresas; uma pesquisa interna, que deve ser anônima para que os colaboradores não tenham receio; e uso de ranking das alternativas. O brainstorming com as áreas também deve ser levado em conta. “É importante chamar as pessoas para saber as expectativas e não prometer nada. Ser transparente é fundamental para não gerar revolta”, ressalta Isis Borge.

Empresas sem programas de valorização correm o risco de perder pessoas altamente capacitadas e de desenvolver um ambiente interno pouco estimulante. “Se a pessoa ficar na empresa, fica desmotivada e, às vezes, trabalha com menos da capacidade que poderia ou, quando muita insatisfeita, pode disseminar isto na área”, alerta.

Uma forma de despertar este sentimento de valorização é trabalhar os valores da empresa na comunicação interna, por exemplo. Em seu artigo “Valores: um fator competitivo”, o consultor Daniel Castello afirma que a identificação da equipe com os valores é pré-requisito para o engajamento – uma empresa com valores consegue atrair funcionários melhores e mantê-los por mais tempo.



Crédito: Divulgação/Robert Half

“ QUANDO COMEÇA A CAIR A PERFORMANCE DA PESSOA PODE TER ALGO PESSOAL MAS, EM MAIS DE 80% DOS CASOS, É PORQUE ELA SE DESMOTIVOU COM A EMPRESA OU COM SEU GESTOR. ”

ISIS BORGE, GERENTE DE DIVISÃO DA CONSULTORIA ROBERT HALF, APONTA A IMPORTÂNCIA DE PROGRAMAS E BENEFÍCIOS PARA RETENÇÃO DE FUNCIONÁRIOS.



Crédito: Fernando Camano

LEANDRO, REMI, LEONARDO E GUILHERME RANSSOLIN, DA RANDA PORTAS E COMPENSADOS. FATURAMENTO DE R\$ 61 MILHÕES AO ANO E FORNECIMENTO PARA AS OLIMPÍADAS.

Portas abertas para o mercado

Empresa familiar, de médio porte, com sede em Bituruna, no Extremo Sul do Paraná, a Randa Portas e Compensados é um exemplo de como o investimento em inovação e melhoria contínua pode fazer a diferença no mercado. Fundada em 1985, a indústria iniciou suas atividades com a produção de móveis de madeira. Em pouco mais de quatro anos, passou a produzir portas e compensados e em 2016 deu início à produção de molduras para atender ao mercado externo. Neste mesmo ano, venceu uma concorrência histórica.

Disputando com outras 100 empresas, conquistou o direito de ser uma das fornecedoras oficiais dos Jogos Olímpicos 2016. Forneceu mais de 30 mil kits Porta Pronta para a Vila dos Atletas, espaço que hospedou cerca de 18 mil desportistas durante as olimpíadas do Brasil. Em seguida, o mesmo espaço sediou os jogos paralímpicos.

O Kit Porta Pronta, fornecido para a Vila dos Atletas, é um produto acabado e de fácil instalação, o que permitiu o cumprimento dos rigorosos prazos determinados pelo Comitê Olímpico Internacional, viabilizando a entrega de cada apartamento da obra, no Rio de Janeiro.

“Buscamos equipamentos modernos no mercado para melhorar a produção e a qualidade de nossos produtos”, informa Guilherme Ranssolin, diretor corporativo da empresa. Ele conta que a indústria mantém um Comitê de Desenvolvimento, onde são realizados trabalhos para a redução de custos e lançamentos de novos protótipos e soluções para o mercado.

Atualmente, 70,03% do faturamento da empresa vem do mercado externo. “As exportações estão salvando a empresa neste momento de extrema crise do mercado interno”, diz Ranssolin. Graças ao bom desempenho com as vendas externas, a Randa está conseguindo investir na ampliação das instalações para dobrar a produção de compensados e molduras nos próximos meses.

A conquista do mercado externo demandou um longo trabalho por parte da empresa para a busca de certificações. Hoje a Randa possui as certificações FSC, ABNT, PNQM e CE Marking (certificações europeias) e a Teco (certificação norte-americana). “Cada certificação foi focada para atender às exigências do mercado e, desde 2004, a empresa vem certificando seus produtos, o que faz do grupo referência e sinônimo de qualidade”, destaca o empresário.

Com 515 colaboradores, o Grupo Randa fatura cerca de R\$ 61 milhões por ano e entrega anualmente no mercado interno 320 mil unidades de portas, kits e seus componentes, exportando mais de 1.050 contêineres por ano de diversos tipos de compensados e molduras.

“AS EXPORTAÇÕES ESTÃO SALVANDO A EMPRESA NESTE MOMENTO DE EXTREMA CRISE DO MERCADO INTERNO.”

GUILHERME RANSSOLIN, DIRETOR CORPORATIVO DA RANDA PORTAS E COMPENSADOS.



Senai vence Prêmio Ozires Silva

O Instituto Senai de Tecnologia em Papel e Celulose, com sede em Telêmaco Borba, na região dos Campos Gerais (PR), foi vencedor da 10ª edição do Prêmio Ozires Silva. O projeto vencedor, de autoria do pesquisador Geraldo de Aguiar Coelho, consiste em um novo processo de separação do alumínio, polietileno e fibras vegetais da embalagem longa vida. A inovação permite o melhor aproveitamento de todos os resíduos. Além de gerar receita com a reciclagem, o novo processo evita o descarte da embalagem, evitando o impacto ambiental. A coordenadora do IST em Papel e Celulose, Adriane Queji de Paula, recebeu o Prêmio na solenidade realizada em fevereiro, em Curitiba.



Crédito: Oziel Gomes

Imersão no ISI

Industriais de todo o Brasil visitaram, em março, o Instituto Senai de Eletroquímica (ISI), do Sistema Fiep, no Campus da Indústria, em Curitiba. O grupo conheceu soluções tecnológicas, como tintas automotivas cicatrizantes que se regeneram após o risco, acumuladores de energia para o desenvolvimento de baterias com maior capacidade e vida útil e encapsulamento de aromas para tecidos. Na comitiva, Embraer, Coteminas, Grendene, Avon, entre outras. A iniciativa, da Confederação Nacional da Indústria (CNI), visa a estimular parcerias para levar inovação às indústrias. Os industriais conheceram outros sete Institutos do Senai em vários Estados brasileiros.



Confira a cobertura completa e o depoimento dos visitantes aqui:

Vote Bem vence prêmio Boas Práticas do TRE

A campanha Vote Bem, articulada pela Federação das Indústrias do Paraná (Fiep), em parceria com mais de 100 entidades, foi uma das vencedoras do prêmio Boas Práticas Eleitorais, promovido pelo Tribunal Regional Eleitoral (TRE). O Vote Bem foi premiado na categoria Comunicação, em que foram reconhecidos também o Aplicativo para Denúncias Eleitorais, da OAB/PR, e o Portal Gazeta do Povo – Eleições 2016. O presidente da Fiep, Edson Campagnolo, recebeu a premiação do presidente do TRE-PR, Luiz Fernando Tomasi Keppen.



Crédito: Celson Bampi



Meio ambiente é o foco do setor de bebidas

A reciclagem quase total de latas de alumínio e a redução significativa do plástico nas embalagens são alguns dos avanços das indústrias do setor de bebidas do Paraná. A informação é do presidente do Sindicato das Indústrias das Bebidas (Sindibebidas), Nilo Cini Junior. O setor conta com o Instituto Paranaense de Logística Reversa (Ilog), que inaugurou duas unidades em 2016, em Maringá e Londrina, e prevê para 2017 mais duas unidades no Oeste e Sudoeste do Paraná.

Sipcep lidera missão à Espanha

O Sindicato da Indústria de Panificação e Confeitaria do Paraná (Sipcep) integrou a missão empresarial à Intersicop, uma das mais importantes feiras de panificação da Europa, que aconteceu em Madrid, em fevereiro. O Sipcep levou o maior número de participantes. Foram 18 empresários do Paraná de um total de 25 de todo o Brasil. Além de participar da feira, o grupo visitou padarias tradicionais e fabricantes de equipamentos e matérias-primas nas cidades de Madrid, Salamanca e Toledo.



Siapar com estande exclusivo no RioContent-Market 2017

O Sindicato da Indústria Audiovisual do Paraná (Siapar) participou, de 8 a 10 de março, no Rio de Janeiro, da RioContentMarket, evento internacional voltado a negócios e exposições de conteúdos audiovisuais. Em cinco edições, o RioContentMarket já reuniu 17 mil participantes de 36 países, entre executivos, produtores e profissionais da indústria audiovisual, se consolidando como um dos maiores eventos do

setor no mundo. Neste ano, o Siapar teve um estande exclusivo no evento, viabilizando espaço para reuniões de negócios às empresas associadas e em dia com a contribuição sindical e a mensalidade do sindicato. Entre as participações de destaque no evento estavam o Canal+, a ESPN Films e HBO/Max.



Sinveste Cianorte tem nova sede

O Sindicato das Indústrias do Vestuário de Cianorte (Sinveste Cianorte) inaugurou nova sede em fevereiro. A nova "casa" fica na avenida Genei Uehara, 1.450, no bairro Jardim do Bosque.



Sindimadmov leva associados para Feira Internacional

O Sindicato das Indústrias Madeireiras e Moveleiras do Sudoeste do Paraná (Sindmadmov) organizou uma caravana para levar associados à Feira Internacional de Máquinas, Matérias-Primas e Acessórios para a Indústria Moveleira (FIMMA Brasil 2017), realizada de 28 a 31 de março, em Bento Gonçalves (RS). O evento é um dos mais importantes do setor moveleiro no Brasil.

Economia

Aumente a produtividade da sua empresa e ainda otimize o consumo energético.

Conheça a Solução em Eficiência Energética dos Institutos Senai de Tecnologia e conte com:

- Redução no consumo de energias
- Diminuição de impactos ambientais
- Rateio proporcional do custo de energia
- Análise de equipamentos (quais as condições e onde estão os desperdícios de energia)
- Aumento na produção
- Maior competitividade
- Maior sustentabilidade
- Economia financeira

SOLUÇÕES EM EDUCAÇÃO SISTEMA FIEP

Investir na qualificação dos trabalhadores da sua indústria é ter a certeza de impulsionar o crescimento dos seus negócios.

Conheça algumas das opções:

CURSOS TÉCNICOS SEMIPRESENCIAIS

Preço acessível.
.....
Mesma qualidade dos cursos presenciais.
.....
Mais fácil conciliar os estudos com a rotina de trabalho.

CURSOS IN COMPANY

Customizável de acordo com suas necessidades.
.....
Desenvolvimento de competências sem tirar os colaboradores do local de trabalho.
.....
Programas para profissionais gestores.

EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - EAD

Horário flexível.
.....
Aulas e materiais on-line.
.....
Equipe preparada para responder dúvidas.